

# AMI

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO XXI  
Nº 4 — abril 1990 — Cr\$ 40,00



**Respeitar e Preservar a Cultura  
Indígena é Preciso**

**“Outros 500”, Nesses 500 Anos  
de Evangelização**

**A VIDA VENCEU**

# A VIDA VENCEU

Pe. Isidoro De Nadai

Antiga liturgia da Páscoa dizia dramaticamente que “a vida e a morte travaram um formidável duelo”.

Nesse duelo, transcendental e único, quem saiu vitoriosa foi a vida. E aí está o milagre, pois o resultado natural seria a vitória da morte. Era ela, sem dúvida, a franca favorita.

Tanto é verdade, que ao homem custa crer na ressurreição.

A morte é um fato óbvio, natural. A ressurreição é a graça, o milagre.

Não é sem motivo que o silogismo lógico proclama, impávido e seguro, que o homem é mortal, como Sócrates é mortal. Quem nos garante que apesar das evidências em contrário, ele é imortal, é a fé, é a graça.

Paradoxalmente, Ernest Bloch, um filósofo marxista, protesta que “o que é não pode ser verdadeiro”. E realmente não é pois “o que é”, ou “o que está”, é a morte, quando, pela fé, pela ressurreição, nós temos certeza de que o que nos aguarda é a vida. Mas quem nos garante isso não é a razão sozinha. É a Esperança de que “a nossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Col. 3,3).

Realmente, neste mundo a morte precede à vida, pois no princípio era o nada, era o caos, era a morte. Por milagre do poder criador de Deus é que a vida lhe foi, misteriosa e lentamente, espancando as trevas.

A vida é a pequena semente que

luta sem cessar contra os incontáveis germens de morte que, traiçoeiramente, a espreitam em cada curva do caminho. É o jovem e desarmado Davi a enfrentar o militarizado Golias.

Pequenina chama, exposta a mil vendavais, a vida não vence por suas próprias forças. Vence, porque Deus toma indefectivelmente o seu partido. Vence, porque antes do princípio era o Verbo e o Verbo era Deus e o Verbo assumiu nossa carne e, no frêmito do seu encontro com o Verbo, nossa carne se tornou imortal.

A morte não nos deveria, pois, espantar. Ela é o óbvio. O que, sim, nos deveria encher de espanto e alegria é que, depois das peripécias de uma luta desigual, a sobrevivente, a vitoriosa seja exatamente a vida.

Páscoa do Senhor, milagre da vida! Milagre que se irradia e se multiplica pelo número infinito dos seres humanos que, desmentindo o silogismo lógico, já não são mortais.

O que não podemos esquecer é que essa pequenina chama Deus a entrega aos nossos cuidados de cada dia. É preciso defendê-la contra todos os ataques da violência, da injustiça, da ganância, do aborto, dos pecados pessoais e dos pecados das estruturas.

A Páscoa somente se completará na eternidade, mas lá não chegará se não a formos realizando nos difíceis caminhos da vida.

4. A IGREJA NO MUNDO  
*Notícias.*
5. "OUTROS 500", NESSES 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO  
*Descobrir, celebrar e estimular a perseverante resistência das massas populares.*
8. É PROIBIDO MENTIR  
*Podemos enganar poucos por algum tempo, mas não podemos enganar todos por muito tempo.*
10. RESPEITAR E PRESERVAR A CULTURA INDÍGENA É PRECISO  
*Entrevista com o Pe. Benício Morales, índio Kuna.*
14. CAMPANHA DA FRATERNIDADE — 90  
*"Mulher e homem: imagem de Deus", apelo à conversão, à mudança de mentalidade para retornar ao projeto inicial de Deus.*
19. AS LEITORAS ESCREVEM
20. O MASCULINO E O FEMININO DA SANTÍSSIMA TRINDADE  
*Cada mulher e cada homem participam, como mulher e homem, da própria comunhão trinitária.*
21. UM MÚTUO APOIO  
*Na convivência harmoniosa, na reciprocidade, homens e mulheres se tornam mais pessoa, gente evoluída, buscando o próprio aperfeiçoamento.*
22. PÁGINA MARIANA: CONVERSANDO COM MARIA  
*Maria na perspectiva do Evangelho de São João.*
24. MEU LAR, MINHA ALEGRIA  
*O grande dilema: ser bons pais, ser um casal feliz, ou ser pessoas realizadas?*
26. ALCOOLISMO  
*Os co-dependentes.*
27. PÁGINA DO CATEQUISTA — A CATEQUESE DA REFORMA CATÓLICA  
*(O catecismo dos Jesuítas)*
28. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA  
*(06/05/90; 13/05/90; 20/05/90; 27/05/90)*
31. RELENDO A BÍBLIA

## Novos tempos

O acontecimento mais importante do cristianismo, inegavelmente, é a Páscoa, a Ressurreição de Cristo.

Páscoa significa passagem. Na Bíblia essa festa lembra a passagem do Mar Vermelho. Sair de um estado de escravidão e opressão para um estado de liberdade e de direito e viver novos tempos.

Esse processo de crescimento e de vida nova deve atingir desde a nossa alma, onde se realiza a conversão de todo tipo de pecado até os nossos hábitos, comportamentos e práticas. O nosso corpo também deve ser beneficiário desse processo. Aliás, é a pessoa integral que deve crescer e viver vida nova.

Nesses últimos tempos tem despertado com mais vitalidade a consciência do direito à vida mais digna e livre para todos.

Revedo a história descobre-se que muitas práticas políticas, sociais, econômicas e até religiosas foram incompatíveis com o Evangelho, isto é, com a prática do Ressuscitado. Em breve, 5 séculos de "descobrimto" e evangelização da América serão comemorados. A expectativa é que não se mascare mais o que foi essa "história". Povos e nações aqui sediados, com suas culturas, costumes, artes, rituais e história próprias têm um crédito não de 5 mas de 10 ou 15 séculos, cuja história é praticamente desconhecida e não considerada.

Podemos chamar de tempos novos, aqueles nos quais a revisão é feita só sob a luz da verdade. Veremos então ressurgir um novo tempo. Novo para nós, embora para os antigos o espírito era "novo", rico em fraternidade. O mesmo espírito que aparece tão claramente na Boa-Nova de Jesus Cristo.

Neste número apresentamos, no sempre candente estilo de D. Pedro Casaldáliga: "Outros 500, nesses 500 anos de Evangelização". E, paralelamente, uma entrevista com Benício Morales, índio Kuna, missionário claretiano, falando das histórias dos brancos e das histórias dos índios latino-americanos. Nesta linha, também é interessante o artigo "É Proibido Mentir" de Carlos Alberto dos Santos Dutra.

Tempos novos também vemos na Igreja que apresenta uma Campanha da Fraternidade na qual a mulher é colocada em igual dignidade por ser com o homem imagem de Deus. Nesse número apresentamos elementos para reflexão com bases bíblicas para um julgamento da realidade sob a luz da Palavra de Deus. E dizendo da mulher e do homem também o artigo "Um Mútuo Apoio" de Márcia Helena Merlo.

O mês de abril traz a alegria contagiante da Páscoa da Ressurreição de Jesus. E nele a força da ressurreição — vida nova — para todos. A penúltima semana do mês é dedicada ao índio, brasileiro ou latino-americano.

## AVISO AOS ASSINANTES

Prezado(a) Assinante

Tendo em vista o plano econômico do novo Governo e a alteração dos rumos da economia no Brasil, a revista AVE MARIA vem, nesse momento muito sério para todos, lembrar e solicitar ao prezado assinante que coloque em dia, o mais breve possível, a anuidade de sua assinatura.

Os pagamentos das anuidades com vários meses de atraso não só atrapalham como também impedem a confecção da revista AVE MARIA. Nestas circunstâncias, somos forçados a reduzir a tiragem e a remeter a revista somente para os assinantes cujas assinaturas estão em dia.

Por isso, estamos comunicando aos assinantes cujas anuidades estão em atraso desde abril de 1989 que suspenderemos a remessa da revista até a atualização da anuidade. Não temos condição de fazer a revista sem o pagamento atualizado da assinatura.

Tão logo recebermos a atualização do pagamento da(s) anuidade(s) atrasada(s), voltaremos a remeter a revista AVE MARIA.

Agradecemos a atenção e a colaboração.

Deus vos pague!

## A Direção

Nota: COMO FAZER A ATUALIZAÇÃO DA ASSINATURA?

Utilize o CUPOM DE ASSINATURA, com as orientações próprias, que está na página 34. Escolha uma das modalidades, assinale com um X, preencha e mande hoje mesmo para a revista AVE MARIA. O valor da assinatura para 12 meses é de Cr\$ 400,00. Se a assinatura estiver com 2 anos de atraso: Cr\$ 800,00; se forem 3 anos: Cr\$ 1.200,00 e assim por diante.

**AM** AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada em 28 de maio de 1858. Registrada no SNPI sob n.º 22.689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67 e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. **Diretor responsável:** Cláudio Gregoriani (MTPS) n.º 14.696

**Administração:** Hely Vaz Diniz

**Arte:** Raquel de Carvalho Rocha

**Preparação e revisão:** Horácio Menegat.

**Composição, fotolito e impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226) - São Paulo.

**Redação, publicidade, administração e correspondência:** Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria - A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

**Preços:** assinatura nova e renovação: Cr\$ 400,00; assinatura de benfeitor: Cr\$ 800,00; número avulso: Cr\$ 40,00.

## Bispo desmente revista "Veja"

A revista "Veja" na sua edição de 21 de março de 1990, à página 127, procura repercutir o Catecismo Universal, como 'Cartilha da discórdia'. "A frase a mim atribuída é totalmente inventada afirma Dom Moacyr Grechi, e não reflete o meu pensamento. Embora pareça inocente, pelo contexto, me põe em situação odiosa", diz Dom Moacyr, bispo de Rio Branco, no Acre. Um jornalista amigo lhe telefonou, querendo saber se o Catecismo Universal, era contra a Teologia da Libertação e Dom Grechi lhe ditou a seguinte frase: "Não creio, de maneira alguma que o Catecismo para a Igreja Universal seja contra a Teologia da Libertação. Pois, a visão e os princípios que norteiam o nosso trabalho de evangelização junto às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) são algo de adquirido pela Igreja do Brasil, fruto de nossa experiência pastoral de longos anos e que tem o aval de Puebla e do próprio Papa e portanto sem volta".

FOTO DA CAPA  
- Índio latino-americano  
- Gentileza da Revista  
"Sem Fronteiras"

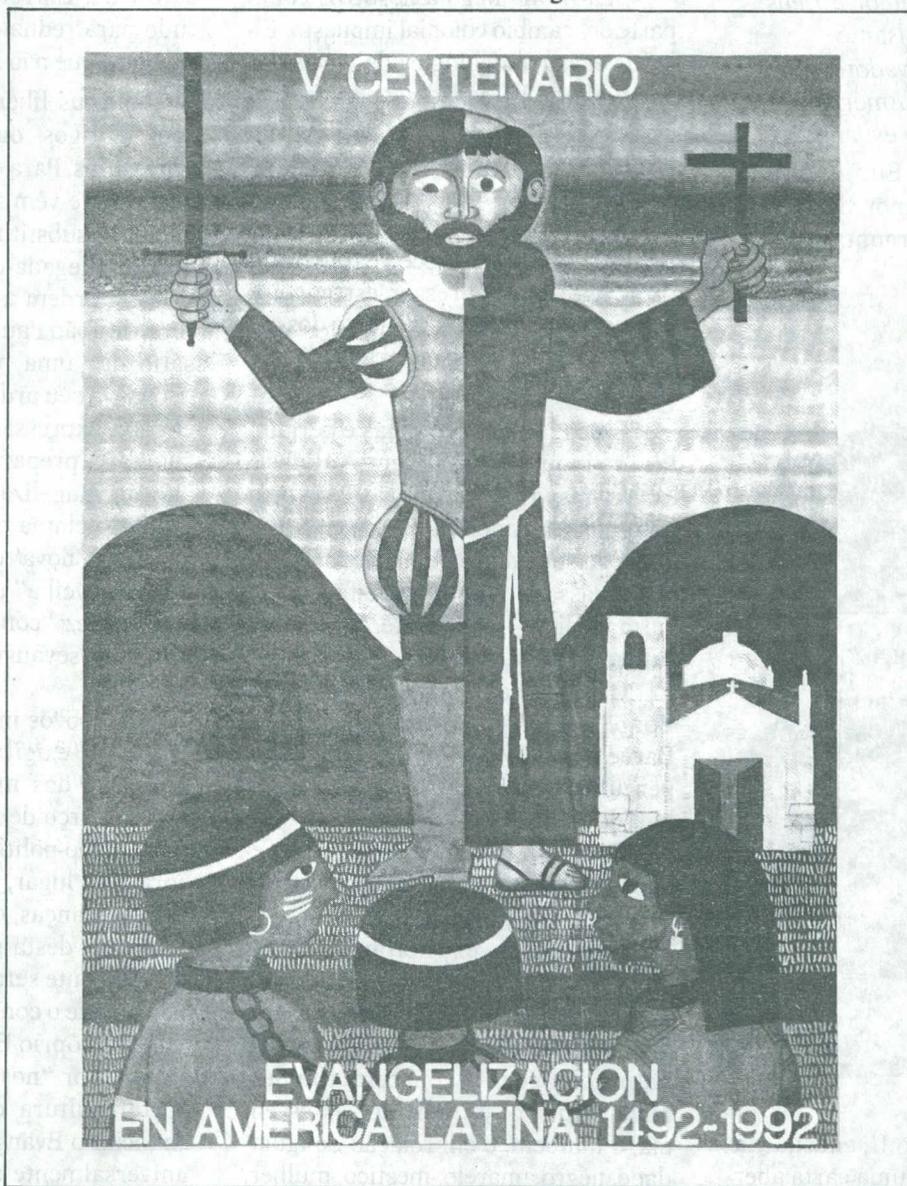


## Os sem-terra do Brasil

Trabalhadores sem-terra do Brasil realizaram seu 2.º Congresso Nacional, em Brasília, de 3 a 5 de abril de 1990, com a participação de 10 mil lavradores, que lutam pela verdadeira Reforma Agrária no país. Ao encerrar o Congresso, com grande manifestação na frente do Palácio do Planalto, entregaram ao Presidente da República um documento com as reivindicações dos sem-terra do Brasil. O Movimento dos Sem-Terra informa que, nos últimos cinco anos, foram realizadas 180 ocupações, que resultaram em 261 assentamentos, para 21.421 famílias, numa área de 383.891 hectares. Existem, ainda, milhares de famílias sem-terra acampadas ou em assentamentos não regularizados, que estão sofrendo a repressão da polícia, de pistoleiros e de grupos paramilitares. No dia 22 de fevereiro, por exemplo, às 19 horas, 30 pistoleiros, armados com escopetas, revólveres e lança-chamas, atacaram 70 famílias no acampamento da Fazenda Guanabara, em Telêmaco Borba, no Paraná, deixando o local completamente destruído e uma mulher gravemente ferida.

# "OUTROS 500", NESSES 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO

D. Pedro Casaldáliga



Os teólogos da libertação e os historiadores "outros" de nossa história — política ou eclesiástica — vêm nos ajudando a ler a realidade, a história e Deus nela, "pelo avesso", "pelo reverso"; do lado esquecido ou proibido sistematicamente; a partir dos pobres da Terra; do ponto de vista e do próprio coração do Deus dos pobres, em última e mais segura instância.

Esses 500 anos de evangelização da América Latina, que já estamos ce-

lebrando ou condenando, que vêm sendo — na sociedade e na Igreja das Américas e da Europa — programação festiva ou polêmica ou cobrança, talvez sejam mesmo "outros 500", se vistos com o realismo da crítica histórica e à luz do Evangelho universal. (O Evangelho não coincide com a "civilização ocidental cristã"!)

Certamente não se pode falar em "evangelização da América Latina" sem se falar na devastadora "conquis-

ta" e na continuada "colonização" — também cultural e religiosa — do continente.

Não é "leyenda negra", nem "vermelha", reconhecer a verdade e confessá-la.

Nessa sincera confissão estão em jogo a credibilidade da Igreja e o próprio Evangelho de Jesus.

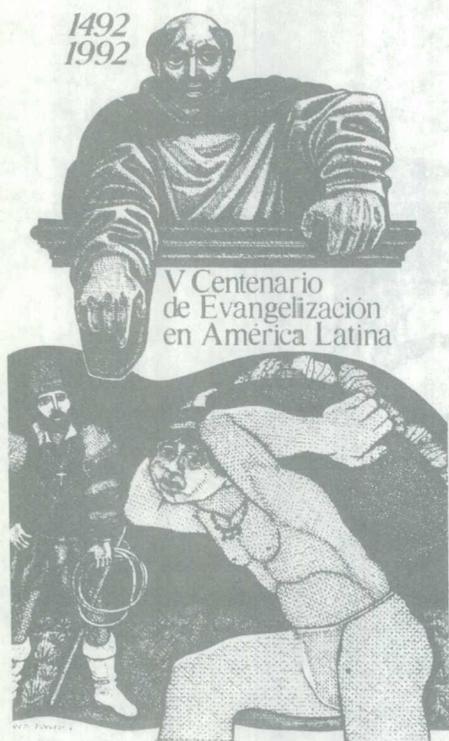
Ameríndia não está mais disposta a aceitar o autopanegírico dos depreadores. Nenhum latino-americano

consciente aceitaria o panfleto turístico da "Varig-Cruzeiro", por ocasião do ambíguo "dia da hispanidade".

*"Semente de um novo mundo,  
guardado pelo destino  
no coração da Europa.*

*Terra unificada pelo amor a Deus  
e pela hispanidade pulsante  
no sangue dos desbravadores,  
que perpetuaram nas Américas  
a fé e a força do povo espanhol."*

Que "coração da Europa"? que "unificação"? que "amor de Deus"? e que "Deus"? se perguntam os sobreviventes...



O papa João Paulo II, em sua viagem ao Peru, recebeu uma carta aberta assinada pelo "Movimiento Indio Kollasuyo", pelo "Partido Indio" e pelo "Movimiento Indio Tupac Katari". Entre outras graves coisas, o documento diz:

"Nosotros, índios de los Andes y de América, decidimos aprovechar la visita de Juan Pablo II para devolverle su Biblia, porque en cinco siglos no nos ha dado ni amor, ni paz, ni justicia.

Por favor, tome de nuevo su Biblia y devuélvala a nuestros opresores, por-

que ellos necesitan sus preceptos morales más que nosotros. Porque desde la llegada de Cristóbal Colón se impuso a la América, con la fuerza, una cultura, una lengua, una religión y unos valores, propios de Europa."

"La Biblia llegó a nosotros como parte del cambio colonial impuesto. Ella fue el arma ideológica de ese asalto colonialista. La espada española, que de día atacaba y asesinaba el cuerpo de los indios, de noche se convertía en la cruz que atacaba el alma india."

E a carta termina perguntando ao papa: "A quem vem você visitar e bendizer agora: ao opressor estrangeiro que tira proveito do sofrimento dos outros ou a quem sofre, ao originário povo oprimido?"

Essas iradas cobranças e perguntas são inquestionavelmente válidas e exigem resposta e reparação. Para bem de todos; da América Latina e da Europa; da sociedade e da Igreja. Esquecer o passado, que sempre faz — em certa medida — o presente, é negar um futuro melhor.

O comandante sandinista Tomás Borge, numa palestra proferida em Barcelona a 19 de setembro de 1983, perguntava também: "Los europeos han descubierto América?"

Pois não se trata apenas de tropeçar com umas praias, mas de se encontrar com uns povos humanos.

"Europa", explicitava Borge, "disse, sem admitir réplica, que o ser humano é, em essência, branco, ocidental, masculino e burguês. América Latina diz agora — com certa timidez, ainda — que o ser humano, em essência, é também, e em relação de igualdade, negro, amarelo, mestiço, mulher, operário, camponês, africano, latino-americano ou asiático."

"Índigena ou aborígene"; "Kechua" ou "Guarani"; "Yanomami" ou "Tapirapé", acrescentariam os ameríndios.

Na celebração do décimo aniversário do martírio do padre João Bosco Penido Burnier, missionário de índios e sertanejos e na solene dedicação de nosso "Santuário dos Mártires da Caminhada", em Ribeirão Bonito, um índio Bororo estremeceu a multi-

dão presente com esta constatação: "Vocês dizem que o Brasil não pode pagar sua dívida externa. Muito menos poderá jamais o Brasil pagar a dívida que tem com os povos indígenas."

Nunca pagaremos totalmente essa dívida. Entretanto, devemos fazer tudo para reduzi-la ao máximo possível. Para que não seja blasfemado o nome do Deus libertador, por causa de seus antigos ou novos emissários opressores. Para que os sucessivos impérios, que vêm subjugando a América, sejam substituídos libertadoramente pela chegada do Reino.

Em ordem a essa nova postura o próprio João Paulo II promulgou o desafio de "uma nova evangelização": "nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão". (Já Medellín, em sua fase preparatória, falara dessa "nova evangelização", que a América Latina reclama com urgência.)

Uma "nova" evangelização, depois de uma "velha" evangelização; frente a ela, talvez; "contra ela", em certa medida. "Desevangelizar" o "mal-evangelizado".

Os "novos métodos" e a "expressão nova" exigirão, necessariamente, a revisão dos métodos velhos e um sério esforço de inculturação, de realismo sócio-político, de encarnação na hora e no lugar, nas dores, nas lutas, nas esperanças, nos processos dos povos todos desta grande pátria.

Somente será "nova" essa evangelização que o continente exige e, antes, exige o próprio Evangelho, na medida em que for "nossa". Importar ou exportar cultura ou civilização não é anunciar o Evangelho, supracultural e universalmente encarnador.

Pistas, gestos, requisitos, os conhecemos. Deveríamos assumi-los, da maneira mais oficial possível, dentro da Igreja.

Nem todos os irmãos de fé pensarão o que a gente pensa, é claro. Cada qual viva o que sinceramente pensa com conseqüente lealdade.

Eu, com apaixonada convicção — a grande pátria, o Evangelho e o Reino a merecem, — vou sugerindo meu modo de entender:

1) Devemos estudar e divulgar a

história real — que não é pré-história — e as culturas existentes no continente ameríndio antes do mal denominado “descobrimento”.

2) Devemos ler, com ecumênico respeito, a carga ético-religiosa dessas culturas; seus mitos, expressão rica e válida da própria religião; suas legislações, tão exemplarmente socializadoras, muitas vezes; também seus conflitos e até os “imperialismos” anteriores a nossos impérios ocidentais; a unidade e a diversidade dos povos do continente — raízes comuns, ramificações múltiplas; nunca uma massa anônima de “índios”!

3) Reconhecer os “interesses” que motivaram de fato a “aventura” do “descobrimento” (essa multiplicada presença da palavra “ouro” nos textos de Colombo, por exemplo!). Os imperialismos, os mercantilismos, o etnocentrismo, a miopia geográfico-étnico-cultural-religiosa: da época da conquista e dos posteriores 500 anos até nosso dia de hoje, míope ainda, política e eclesiasticamente.

4) Confessar, em espírito de quaresma histórica, a omissão e a conivência da Igreja na conquista, na dominação, na colonização continuada e na marginalização de nossos povos ameríndio e negro. Confessar abertamente nossa culpa “cristã”. Os 500 anos são “o tempo oportuno” dessa confissão — e conversão também — em ordem a uma nova credibilidade da Igreja, do Evangelho, do Deus de Jesus Cristo.

5) Celebrar as minorias proféticas, cuja voz e cujo sangue não foram atendidos (Bartolomé de las Casas, Antônio Valdivieso...). Recuperar a “nova” teologia que eles suscitaram; a raiz legítima que eles representam para uma Igreja “nova”, “nossa”, no continente. A continuidade desse testemunho, hoje, a partir de Medellín, bem mais explícito e mais comunitário.

6) Celebrar também o martírio coletivo dos povos indígenas e do povo negro: os muitos outros mártires que nós fizemos, em nome de um Deus imposto e utilizado. (A “Missa da Terra sem Males” e a “Missa dos Quilombos”, que espantam ainda certos ir-

mãos da cúria, continuam a ter demasiada razão!)

7) Porque devemos confessar também a romanização posterior, nos diferentes países da América; as novas colonizações espirituais: das devoções modernas até os movimentos não-conservadores; sempre deixando de lado a alma indígena e afra do continente. Essa impenitente falta de inculturação da Igreja, de sua liturgia, de seu direito. A resistência oficial à Teologia da Libertação, à Bíblia nas mãos do povo, às comunidades eclesiais de base, às conferências episcopais comprometidas com a realidade...

8) Potenciar — com novos conhecimentos históricos e numa nova valorização, mais antropológica, mais ecumênica, mais “católica” — o autodescobrimento dos grandes livros, dos lugares sagrados, das figuras-tipo, dos símbolos maiores, que conformam o continente como ameríndio, mestiço e crioulo.

Também os grandes concílios precursores; nossos santos — de Las Casas e Romero, de Juan Diego e Santo Dias —, nossos santuários e as velhas romarias renovadas; a religião popular.

E ainda as grandes obras literárias, a pintura, a música, a cultura inteira da pátria grande, ela, diferente, única.

9) Descobrir, celebrar e estimular a perseverante resistência — por vezes anônima — das massas populares do continente ao longo desses 500 anos, em suas lutas, com suas expressões alternativas de vida e de organização.

O enfoque desse autodescobrimento e dessa celebração outra e da retomada de compromisso, por ocasião dos 500 anos, deverá ser:

- **Continental**, porque somos uma unidade de martírio e de destino, de resistência e de utopia libertadora.

- **Religioso**, porque sempre foi e é profundamente religioso o povo de nossa América (com suas potencialidades e suas ambigüidades, nessa religiosidade exuberante).

- **Martirial e de esperança**. Pascal, mais corretamente.

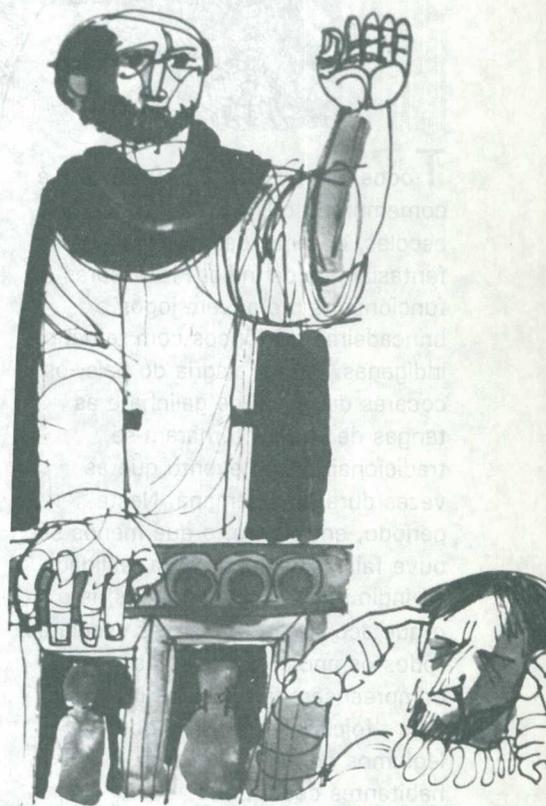
- **De contestação e alternativa**,

frente ao capitalismo, ao consumismo, ao ocidentalismo etnocentrista e colonizador.

- **A partir dos pobres**, unidos e organizados, nas reivindicações próprias e complementares da etnia/cultura, da classe, do sexo, da idade; o índio, o negro, a mulher, o menor, o lavrador, o operário... Todos eles pobres, empobrecidos, marginalizados.

- **De solidariedade com todo o Terceiro Mundo**.

- Negando-se, então, a pseudodemocracia, a dívida externa, a involução centralizadora da Igreja, as renovadas



oligarquias, a todo tipo de ditadura e de intervenção imperialista.

- Na linha da teologia, da espiritualidade e da cultura da libertação.

- Convidando — com a palavra e com a vida — o Primeiro Mundo e a Primeira Igreja à respectiva conversão jubilar.

O ano 2000, que o papa e a Igreja preconizam como a alvorada de uma nova evangelização mundial, entre nós, passa necessariamente por esses outros 500 anos.

D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT). •

# É PROIBIDO MENTIR

Carlos Alberto dos Santos Dutra



Todos os anos no dia 19 de abril é comemorado o Dia do Índio. Nas escolas, dezenas de crianças fantasiam-se de índio. Professores e funcionários promovem jogos e brincadeiras folclóricas com temáticas indígenas. Para a alegria do país, os cocares de penas de galinha e as tangas de sisal já tornaram-se tradicionais neste evento que às vezes dura uma semana. Neste período, entretanto, o que menos se ouve falar aos alunos é da realidade do índio. Com raras exceções, isto é o que acontece nos bancos escolares: todos os anos reforça-se na compreensão da realidade brasileira este "folclore" em torno dos legítimos donos e primeiros habitantes deste país.

Esta prática, porém, não é fortuita. Numa rápida digressão histórica observamos que estes festejos, em sua maioria, retratam conteúdos simbolicamente pré-estabelecidos e com finalidades bem definidas. Retratam valores e desígnios convencionais — via de regra conservadores — que tão somente buscam captar o real e prendê-lo a um modelo idealizado. O índio que é inculcado e habita a criança de todos nós, neste dia, pula, brinca e quer apito. A escola, como instrumento e referencial da formação cultural da sociedade, consciente ou

não, acaba por cumprir importante papel de sustentação ideológica.

A preocupação pretérita de cultivar os mitos, como o do bom selvagem, por exemplo, não é de hoje. Em 1846, em pleno Romantismo e reflexo saudosista da Revolução Francesa, um neologismo entrou para a história carregando em sua hermenêutica a preocupação de valorizar o sentimento e a inspiração. Opondo-se à frieza do racionalismo cartesiano surge o termo "folklore", criado pelo arqueólogo inglês William Thoms, para designar as "antigüidades populares" que desejava salvar do esquecimento, através do registro e antiqüários de preservação. E isso passou a ter papel na sociedade. A idéia de preservar os fatos "folclóricos", com o tempo, ganhou corpo e foi assumido pelo próprio Estado, integrando-se definitivamente à Tradição das sociedades.

Acontece que a Tradição, no seu sentido latino "Traditione" (entrega), ao repassar às gerações futuras o patrimônio cultural das comunidades, acabou por transformar os traços dessas comunidades. Como movimento ideológico, invariavelmente em mãos dominantes, a Tradição distorceu o fato cultural conferindo-lhe empréstimos e reinterpretando ao prazer de seus

interesses. Seu dinamismo tornou-se submisso às influências do meio e dos segmentos sociais de poder. Em outras palavras, a Tradição apresenta a manifestação cultural com a linguagem e o sentido que o "folclore" necessita para cumprir seu papel de sustentação da oligarquia que representa.

O chamado Dia do Índio, hoje, tomou as mesmas cores folclóricas que a tradição das sociedades reservou a milhares de acontecimentos culturais. Realidades e fatos, culturas e povos, todos foram lidos e interpretados. Sempre na ótica do colonizador. Os festejos deste dia, nestes moldes nada mais são que demagógicas caricaturas, verdadeiros cultos ao mito "Índio" do passado. Acentua-se sua oca, arco e flecha. Oculta-se seus problemas, sua vida, o índio hoje.

No âmbito oficial a maior parte das escolas e seus manuais didáticos, úteis ferramentas de imposição hegemônica sobre o pensamento da sociedade, passam uma visão preconceituosa e estereotipada da realidade indígena. Um dos responsáveis, o próprio Ministério da Educação e Cultura, assim como a Tradição, como aparelho do Estado, nunca foi o resultado do saber e vontade política do povo. Portanto, como expressão do governo da classe dominante, desconhece a realidade e a cultura deste povo. A escola, assim, justifica-se como instrumento de dominação mantendo a própria liberdade de pensamento sob tutela. "A cultura", diria Barbosa Lessa, "tem por finalidade adaptar o indivíduo não só no seu ambiente natural, mas também no seu lugar na sociedade".

Desta forma, os cocares e as tangas somente dissimulam, através de uma visão genérica e equivocada, a realidade do índio brasileiro.

Enfatizando determinados aspectos místicos, como suas lendas, por exemplo, silenciam de forma sutil e etnocêntrica as contradições de classe dos grupos envolvidos na formação da sociedade brasileira. Aparentes festejos encobrem verdadeiras táticas de dominação muito bem fundamentadas. Não é gratuito que a historiografia oficial — da qual os livros didáticos são meros resumos de divulgação — é a história contada pelo “branco” opressor. Foram os colonizadores que produziram os primeiros livros que ensinam, até os dias de hoje, a sua versão dos fatos. O diplomata e historiador Varnhagem que o diga.

Alienar consciências pode ser a preocupação de um Estado etnocêntrico e racista, porém, este pode não ser o desejo de seus cidadãos. Não somente a oficialidade deve ser subvertida. É necessário insurgir-se pelas bases. Cada escola, cada professor, através de sua sala de aula deve ir modificando as distorções que são ministradas sobre a realidade indígena. Lenta e gradualmente pode-se ir desnudando o manto da ideologia que busca ocultar a injustiça, a discriminação e os direitos dos povos indígenas.

Há trinta anos, no Brasil, nenhum jornal preocupava-se em publicar notícias de índios. Isto não interessava, na época. Hoje, porém, é possível coletar na imprensa uma série de assuntos relacionados com os povos indígenas. Este material pode ser de grande utilidade nas salas de aula. Existe literatura especializada que auxilia a desmistificar conceitos fechados e cristalizados no saber vulgar, altamente nocivos à compreensão da realidade, dialeticamente entendida da nossa sociedade. Parafrazeando aquele chefe de Estado, “podemos enganar poucos por algum tempo, mas não podemos enganar todos por muito tempo”. Chega de mentiras!

Carlos Alberto dos Santos Dutra, teólogo, é membro do Conselho Indigenista Missionário.

# RESPEITAR E PRESERVAR A CULTURA INDÍGENA É PRECISO

**Não é exatamente a guerra  
que destrói uma Nação,  
mas sim sua inconsciência de autonomia  
e de sujeito da própria história.  
Preservar as raízes culturais e morais  
faz de um povo, Nação.**

**Benício Morales, 43 anos, índio Kuna. Nasceu em uma das ilhas de Kuna Yala, Ustupu = ilha de coelhos (São Brás), Panamá.**

**É sacerdote, missionário claretiano, formado em filosofia e teologia em Madri, Espanha. Há um ano está no Brasil fazendo um curso de missionologia e cultura indígena. Seus pais Maniguebiginapi e Emilia Smith são descendentes de índios Kunas.**

**A ilha Ustupu fica aproximadamente a uns dez minutos de barco do continente.**

**Nesta entrevista concedida a Cláudio Gregianin, para a revista AVE MARIA, Benício fala de sua terra, de suas origens, de sua cultura e de sua expectativa para a celebração dos “500 anos” de evangelização da América Latina.**

**AM — Quem foram seus antepassados?**

**BENÍCIO —** Meus antepassados eram indígenas que num passado distante vieram da Colômbia mas a tradição também diz que possam ter vindo do Caribe. (A hipótese que prevalece é a primeira, que os Kunas provêm das encostas montanhosas da Colômbia.

**AM — Qual a sua impressão sobre a cultura e a civilização tipicamente européia recebidas desde a infância?**

**BENÍCIO —** O encontro com a cultura ocidental tem sido lento e gradativo. Quando nasceram meus pais na ilha “Ustupu” já havia sacerdotes católicos, colégio e já tínhamos, desde a infância, um contato freqüente com a civilização européia. Com 12 anos eu fui, pela primeira vez, à capital do Panamá, hoje com 2 milhões de habitantes. A experiência mostrou-me um mundo diferente da comunidade indí-



Pe. Benício no dia de sua ordenação em Ustuku, Panamá, aos 29 de junho de 1985.

gena. Na ilha tínhamos uma vida mais comunitária, mais participativa. Na capital, muita agitação, carros, coisas modernas, individualismo em contraposição à vida tranqüila que tínhamos na ilha.

Chamava-me muito a atenção a tecnologia existente na cidade grande. A população do Panamá (continente), com suas 300 ilhas em Kuna Yala é composta aproximadamente de 47.000 índios Kunas, de europeus (a maioria deles vindos da Espanha e da Itália).

Também temos índios caribenhos, etc. Vale lembrar que somos num total aproximado de 140.000 índios: 6,3% da população nacional.

Os povos indígenas, que compoem a população do Panamá são:

Emberá-Wauran .....	13.000 hab.
Guayami .....	76.000 hab.
Kuna .....	47.000 hab.
Teribe .....	2.500 hab.
Bokotá .....	1.200 hab.

**AM** — Na história recente vimos a determinação do governo dos EUA em intervir com armas no Panamá. Como você vê a política norte-americana de intervenção no Panamá?

**BENÍCIO** — Certamente, está claro, que nenhum país deve intervir em assuntos internos de outro país, nem mesmo a invasão de uma potência norte-americana em meu país. Portanto, cordeno esta intervenção, que nos trouxe seqüelas de mortes e estragos para o país. Esta intervenção do governo dos EUA busca, no fundo,

a entrega, pelos panamenhos, do canal. O canal deve ficar nas mãos dos panamenhos. Com esta afirmação não quero rejeitar, tampouco, a permanência dos militares no governo do meu país, que também o levaram ao caos. O governo deve estar nas mãos dos civis, eleitos pelo voto popular.

**AM** — O que você diz dos preparativos que se fazem para celebrar os "500 anos" de evangelização na América Latina?

**BENÍCIO** — Eu diria que recebi uma história, na qual aprendi na escola tradicional no Panamá, que não me revelava fatos importantes da história verdadeira. Aquela é história feita pelos conquistadores. Hoje, estudamos outras histórias que são contadas por nossos pais e avós e ao confrontar essas diversas histórias nos damos conta que o que aprendemos no começo não era uma verdadeira história. O aniversário dos "500 anos" de evangelização para mim, como também para todos os índios, será uma comemoração dolorosa se denotarem vanglória, ufanismo, pompa, isto é, uma história de "brancos" manipulada e parcial, diferente da história contada por nossos antepassados. Celebrar dessa maneira significaria di-

zer aos próprios índios que celebrem e festejem a morte, o vandalismo e a destruição.

**AM** — Você conviveu muito tempo com grupos indígenas na América Central?

**BENÍCIO** — Desde os 12 anos ia e voltava com muita freqüência da ilha para a capital e esta convivência "branqueou" minha mentalidade. Só muito tempo depois fui perceber o valor que o meu povo tinha, sua cultura e seus costumes que precisavam ser recuperados.

**AM** — Durante esse tempo de convivência com a cultura européia o que você percebeu que o seu povo estava perdendo?

**BENÍCIO** — Primeiro, a desvalorização do índio. Ele se dá conta do pouco valor que lhe é dado. Que ele é rechaçado pela sociedade consumista de tal forma que sua cultura e sua história próprias são desprezadas. Quando, nossos valores são tão importantes quanto os da sociedade "branca".

Isso ocorreu com todos os povos indígenas e não somente com os índios Kuna, mas com todos os povos indígenas da América Latina. E ainda há muito que aprender da própria cultu-



Os chefes kunas, sempre presentes nos Congressos locais, na Casa Grande, ouvem atentos as idéias, as propostas, as sugestões, as reclamações, os problemas da comunidade antes de tomarem as decisões.

ra indígena, e é um desafio e meta para nós, índios jovens.

**AM** — *Que valores importantes você destacaria na cultura entre os povos indígenas?*

**BENÍCIO** — Em primeiro lugar a comunitariedade, isto é, a partilha dos projetos e programas de trabalho; a corresponsabilidade: a divisão de alimentos de tal maneira que ninguém sinta fome ou adoça por inanição; a participação alegre nas festas e comemorações; o interesse pelo bem-estar dos conhecidos, amigos e familiares; o respeito às pessoas e às famílias; o amparo aos velhos para que possam estar tranquilos na doença ou na velhice e possam ter seus últimos dias no aconchego da própria família etc. Os índios vivem em comunidade e para mim, praticamente, isso é o Evangelho, é o amor fraterno.

**AM** — *O que é feito entre os Kunas para a preservação da cultura indígena?*

**BENÍCIO** — O povo vai lentamente tomando consciência e esse é um fenômeno que vai se manifestando na América Latina toda. Os índios vão percebendo a formação ocidental, da qual rejeitaram totalmente os valores

européus e hoje recuperam valores indígenas.

**AM** — *De que forma é feito esse retorno aos valores culturais seculares?*

**BENÍCIO** — O nosso povo indígena, "Kuna Yala", realiza freqüentes congressos (Casa-Grande) nos quais, diariamente, se reúnem os índios e sempre alguém fala do amor à cultura, à tradição, à arte, à língua. No começo, os que tiveram formação ocidental européia rejeitavam esses valores. Agora, já estão repensando e reestudando a história indígena e vão aceitando com mais tranquilidade. Essa consciência cultural defende o povo de outras culturas que possam estragar os costumes e valores saudáveis antigos. E com isso reencontram sua própria identidade sem a qual se desfaz a estrutura social.

**AM** — *Que tipo de trabalhos artísticos são desenvolvidos entre os Kunas?*

**BENÍCIO** — Como estamos no Brasil na Campanha da Fraternidade, lembro-me que as mulheres, no Panamá, têm uma participação grande na confecção da "mola": blusas típicas, artesanatos domésticos, reconhecidos



Pe. Benício com a equipe de evangelização. Nativos ao serviço do Reino.

mundialmente. Dessa forma a mulher contribui para o sustento familiar e inclusive executa outras tarefas no campo que servem como lembrança da cultura antiga repassada aos filhos e netos, hoje.

**AM** — *E a música, a pintura e a escultura?*

**BENÍCIO** — Os Kunas tem vários estilos e ritmos musicais tais como Kammu-purwi (várias flautas), delc (flauta única), Kuli (flauta grave), maracás (chocalhos). O instrumento mais usado é a flauta, o kammu.

**AM** — *Como é estruturada política, cultural e economicamente a sociedade Kuna?*

**BENÍCIO** — Toda a organização sócio-política do povo Kuna gira em torno do congresso local. Em cada comunidade (ilha) há uma Casa Grande, de cana brava, hoje de palha) que serve de congresso e onde à noite participam os mais velhos. O Saila (chefe) convoca o povo para o congresso que acontece várias vezes por semana para diferentes fins: religioso, político, cultural etc. Todos os assistentes, democraticamente, podem tomar a palavra quantas vezes quiserem. Ao Saila (chefe) cabem as últimas palavras depois de escutar e interpretar fielmente o desejo da assembléia. Ele é eleito por aclamação unânime. Seu cargo é vitalício. A nível de toda a comarca Kuna Yala (das ilhas) há três caciques gerais: é a autoridade máxima de todas



Pe. Benício apresentando algumas idéias na "Casa do Congresso", logo atrás, ao lado de uma criança, o bispo da diocese.



Evangelização, catequese e pastoral; equipe nativa Kuna: ao centro Pe. Benício, claretiano, à sua direita uma religiosa nativa e os outros três sacerdotes diocesanos.

as ilhas, é o que conhecemos por Congresso Geral Kuna (composto de três caciques, mais 1 chefe de cada ilha), e se reúnem cada seis meses para tratar de assuntos a nível de toda a comarca.

**AM** — Como são realizados os Congressos?

**BENÍCIO** — Em cada ilha as pessoas se reúnem diariamente, abordam

problemas sociais e culturais. Ao nível de todos os grupos das ilhas os chefes e seus delegados se reúnem 2 vezes ao ano para apresentar os problemas internos de cada grupo e, nessas ocasiões, são convidados membros do governo do Panamá; são representantes nacionais mas não têm voto. Se o Congresso Geral não aprovar uma medida, o governo nacional não tem autoridade para votá-la.

**AM** — O dia do índio geralmente é celebrado como manifestação folclórica. As crianças se vestem, se fantasiam de índios. Como você vê isso?

**BENÍCIO** — Acho interessante a celebração do índio, mas não dessa maneira. Acho que não é respeitosa. O importante é tomar consciência dos valores dos grupos étnicos e autóctones. Esse é o grande problema dos povos latino-americanos porque, lamentavelmente, as celebrações não visam essa consciência e esse respeito. É importante celebrar o dia do índio sim, mas de forma que crie uma consciência de maior respeito a eles sabendo que os índios têm história e tem raízes.

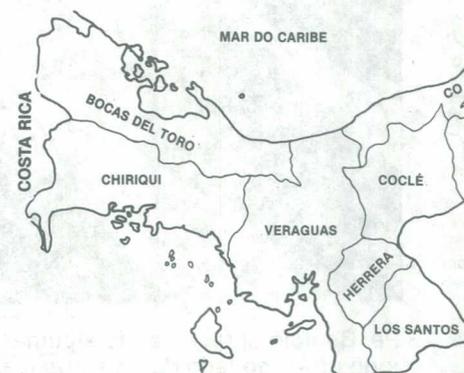
**AM** — Que mensagem você daria aos jovens e adolescentes?

**BENÍCIO** — Acredito que os índios, por exemplo, os do Amazonas são muito mais conhecidos no exterior do que aqui no Brasil. Na América Latina e no Brasil, excetuando-se pe-



Índios Kunas, pescadores - Trabalho comunitário.

PROVÍNCIAS DA REP





Índias Kunas com suas vestes típicas, nativas das Ilhas de São Brás, Panamá

Tocadores de flauta da região Kuna Yala.

Jovens, índios, animadores nas celebrações litúrgicas na missão de Kuna Yala, Panamá.



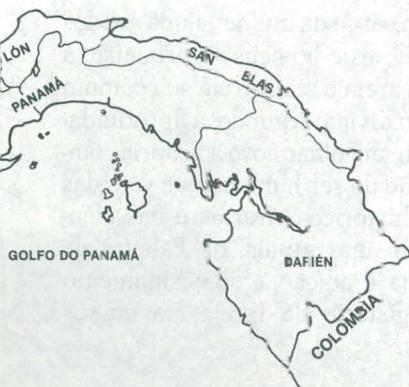
**AM** — *Benício Morales, esse é o seu nome. Por que você não tem nome indígena?*

**BENÍCIO** — Hoje, para se ter nome indígena é preciso pagar uma taxa significativa ao governo, para se ter um registro oficial. Mas o porquê não recebi nome Kuna é que ser índio era ser alguém de segunda categoria; índio era visto como uma pessoa sem cultura, ignorante, pária social. Lembro-me que na minha infância ter nome indígena significava pertencer a uma classe inferior. Chamar alguém de "índio" era chamá-lo de atrasado, inculto, sujo. Tinha um **cunho** fortemente pejorativo. Hoje, para mim é uma honra saber que sou índio e ser chamado como tal.

**AM** — *Uma palavra final.*

**BENÍCIO** — Gostaria muito de mencionar neste final de entrevista as palavras de um líder Kuna Nele Kantule que dizia: "Quiero que la cultura de mi raza perdure dentro del marco universal de la cultura de los pueblos del mundo. Porque solamente en la expresión cultural de un pueblo está el sello ineludible de la esencia de su libertad, de su dignidad y de su respeto como pueblo".

REPUBLICA DO PANAMÁ



ESCALA 1:3000000

quenos grupos que defendem os índios, seus costumes e suas tradições, a grande maioria de jovens e adolescentes está mais inclinada para o aplauso de músicas e modelos norte-americanos e europeus do que para o interesse no conhecimento da história e cultura dos povos indígenas. É pena que o jovem não se interesse pela história de povos tão ricos em costumes, princípios e valores. Eu diria ser muito importante renovar, voltar a um estudo mais sério das histórias locais. Oxalá todo o Brasil assumisse essa tarefa tão grande que é recuperar a história dos povos latino-americanos. Só assim, buscando nossa identidade, seremos países livres e independentes dos prepotentes.

## MULHER E HOMEM: IMAGEM DE DEUS

A Campanha da Fraternidade, cujo lema é “Mulher e Homem: Imagem de Deus”, é um forte apelo à conversão, à mudança de mentalidade para retornar ao projeto inicial de Deus. O apelo é para que, na prática, mulher e homem tenham a mesma grandeza, a mesma dignidade, os mesmos direitos e os mesmos deveres. Um e outro sejam igualmente responsáveis e destituídos de qualquer opressão.

O texto-base da Campanha da Fraternidade divide em três etapas o estudo sobre o tema “A Fraternidade e a Mulher”: VER, JULGAR e AGIR. No número anterior apresentamos o “VER”, nesse apresentamos o “JULGAR”.



### AS MULHERES NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO

Muitas mulheres aparecem no Antigo Testamento como líderes do povo, envolvidas com a defesa, proteção e a caminhada do povo. Elas aparecem como sustento da fé no coração do povo de Israel. Exemplos são: Sara e Agar (Gn 16; 18; 21).

Essas e outras mulheres ajudaram na formação da consciência do povo de Deus: Sara, Miriam, Débora, Ana,

Ruth, Tamar, Jael, Judite, Ester, a mãe dos Macabeus (2 Mc 7), etc.

As exemplares atuações femininas do Antigo Testamento continuaram no Novo Testamento. Maria, Mãe de Jesus, que retoma o cântico de Ana no “Magnificat” (Lc 1, 46-55). As mulheres e a própria Maria, que resistem de pé diante de Jesus crucificado.

### SITUAÇÃO DA MULHER NO TEMPO DE JESUS

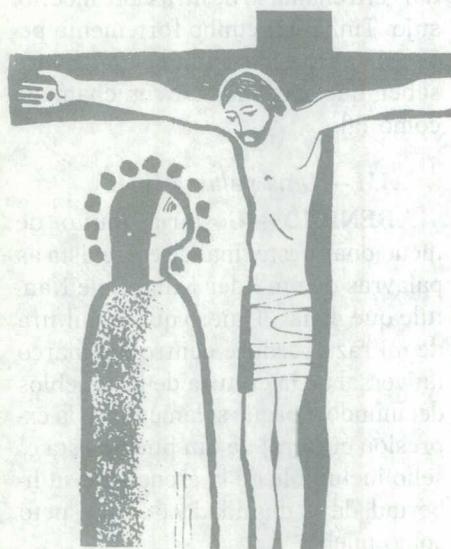
Para se avaliar um acontecimento humano é indispensável situá-lo dentro do seu contexto cultural e histórico. Por isso, para entender o “novo” e revolucionário relacionamento de Jesus com as mulheres, é preciso dizer uma palavra a respeito do tipo de discriminação em que vivia a mulher em Israel, como em todo o Oriente Médio da época.

O que os israelitas e principalmente os rabis pensavam da mulher é um tanto contraditório. Por um lado, os rabis eram geralmente monógamos e favoráveis à monogamia, honravam muito suas mães e em geral suas esposas. São freqüentes, na literatura rabínica, declarações de que a fé e a caridade das mulheres são maiores do que a dos

homens. A mulher era vista como necessária para o homem, ao ponto de um deles dizer que: “Quem não tem esposa, vive sem bênção, vida, alegria, ajuda, bem e paz”; e um outro: “O homem sem mulher diminui em si a semelhança divina”; e outro: “A bênção entra na casa só por causa da esposa”, ou ainda: “Se um homem casa com uma boa mulher, é como se tivesse cumprido a lei inteira, do início ao fim”.

### NOVA PRESENÇA DA MULHER

Como participante, lado a lado com o homem, no trabalho, na política e na cultura, por uma sociedade justa e fraterna, a mulher toma consciência cada dia mais de seu valor e papel. Essa nova presença da mulher ajuda a todos — mulheres e homens — primeiro, a encontrarem e realizarem sua comum vocação divina; segundo, a aprofundarem com um olhar novo a própria compreensão do ser humano que vem das raízes histórico-culturais e das ciências humanas atuais, da Palavra de Deus, na Tradição, e do ensinamento do Magistério da Igreja em nossos tempos.



## QUEM SOMOS NÓS

Esta é a grande pergunta que mulheres e homens de todos os tempos e lugares fazem.

Contudo, ainda persistem algumas visões mesquinhas da realidade que diminuem a mulher como pessoa:

— uma visão positivista a reduz à sua realidade biológica sexuada;

— uma visão idealista não a percebe em sua realidade de ser sexuado, diferente do homem;

— uma visão machista só a vê a partir do homem e de seus interesses.

Por outro lado, costumes, comportamentos e atitudes culturais, que dizem respeito à mulher, seu papel na sociedade, na família e na Igreja, foram como que sacralizados, impedindo a irrupção de uma nova consciência.

## RECIPROCIDADE NAS DIFERENÇAS

Entre mulher e homem deve, pois, por sua própria natureza, prevalecer uma relação não de submissão-dominância, mas de reciprocidade. Ambos devem se reconhecer não apenas na diferença de sua diversidade sexual, mas também na diferença de sua realização como pessoas. Isso quer dizer que nem o homem sozinho nem a mulher sozinha realizam plenamente o “ser humano”. Para que se realizem deve existir entre mulher e homem uma relação de responsabilidade de um pelo outro. Por isso mesmo, nem a mulher nem o



homem, seja qual for sua situação de vida, podem aceitar relações que transformem um ou outro em objeto de posse ou de uso, mas só aquelas relações que realmente reconhecem sua alteridade própria e fazem ambos crescerem no amor que gera pessoas livres e responsáveis. Qualquer forma de antifeminismo contradiz a dignidade fundamental da mulher e não ajuda o próprio homem a crescer como pessoa.

## O QUE DIZ A BÍBLIA

A leitura dos textos bíblicos, sobre o tema da CF-90, ou sobre qualquer outro tema, deve sempre ser feita, do mesmo modo como Jesus e seus discípulos leram o Antigo Testamento e o interpretaram em sua época. A Bíblia não é um livro neutro. Por isso devem ser levados em conta:

a) Os textos e escritos bíblicos foram escritos em diferentes épocas e contextos, refletem as condições sócio-econômicas, políticas e culturais pelas quais passou o povo de Israel. De um modo geral, a cultura desse povo era fortemente patriarcal. Era uma sociedade dirigida e governada por homens, onde a mulher era colocada em posição inferior ao varão, tanto pela legislação como pelas práticas religiosas e os costumes. Além disso, os textos bíblicos foram quase sempre escritos por pessoas do sexo masculino, e portanto é a visão masculina que os escritos deixam transparecer.

b) A Bíblia não é neutra. Lida em seu conjunto, os grandes eixos que a sustentam revelam a consciência de um Deus que toma partido pelos pobres, oprimidos e desprezados. Entre eles estão incluídas multidões de mulheres. A Bíblia revela um Deus que “ouve os clamores” de seu povo (Ex 3, 7-10) e que não vem para atender os sãos e perfeitos, mas sim os doentes e pecadores (Mt 9, 10-13).

Os textos bíblicos devem ser lidos entendendo-se além do seu invólucro cultural e literário, orientando-se pela perspectiva do Deus-conosco (Is 7, 14; Mt 22-23) e pela prática histórica da vida e exemplos de Jesus.



## DEUS SE REVELA NA PESSOA HUMANA — NO MASCULINO E NO FEMININO

Na tradição bíblica a pessoa humana se torna um espelho de Deus (2Cor 3,18). Mulher e homem como pessoas distintas, iguais, livres, em comunhão recíproca, desde a criação são igualmente imagem de Deus. Um Deus que se revela de modo masculino e de modo feminino e não pode ser apresentado unicamente em símbolos masculinos.

Em geral, em toda a dinâmica da aliança entre Deus e a humanidade, o elemento masculino representa sempre o parceiro divino (Deus, Jesus Cristo), sempre fiel. O parceiro humano, freqüentemente pecador e infiel, é sempre representado pelo feminino: a nação de Israel, esposa do Senhor. As imagens utilizadas, portanto, na linguagem bíblica, para falar de Deus, são quase sempre masculinas: rei, juiz, patriarca, esposo, senhor e pai. A consequência disso é que a mulher e o feminino não encontram, por via direta, lugar, identidade e cidadania no mistério de Deus, enquanto o homem e o masculino, sim, o encontram.



## AMOR MATERNO DE DEUS

Porém entre os termos do Antigo Testamento referidos diretamente a Deus, o termo plural *rahamim* (que significa literalmente "vísceras" e principalmente "vísceras maternas") é usado com constância no sentido de amor misericordioso materno, como atributo por excelência do Deus de Israel. O termo remete a uma parte do corpo feminino: o útero. É o lugar onde a própria vida surge, é acolhida, protegida e alimentada para que possa, posteriormente, crescer, desenvolver-se e sair à luz.

A fé do israelita se dirige a esse Deus como às entranhas fecundas de sua própria mãe rezando-lhe e suplicando-lhe proteção com ardente amor filial (Is 63,15; Sl 77,10; Sl 79,8).

## A PRESENÇA DE DEUS

O termo hebraico *ruach*, também, é significativo. Tendo no Antigo Testamento o significado básico de vento, espírito, sopro de vida, o termo *ruach* é, quase sempre, feminino. (Gn 1,2; Rs 19,11; Ex 1,4; 2Sm 22,16; Sl 18; Is 11,15; Dn 7,2). Com várias acepções e conotações ao longo do Antigo Testamento (da brisa suave ao vento violento, da manifestação gloriosa do Senhor até o próprio respirar divino) a *ruach* é a presença do próprio Deus, portadora e causadora de vida e de movimento.

## A SABEDORIA DE DEUS

Outro elemento feminino que representa com alguma frequência a ação divina ou o próprio Deus, nos livros pós-exílicos, é a sabedoria. De simples virtude, ela passa a ser representada como uma mulher e está, por vezes, caracterizada com atributos divinos, preparando assim a revelação da encarnação do verbo no Novo Testamento (1Cor 1, 24-30; Cl 2,3).

## A MÃE CARINHOSA

Alguns profetas e salmistas, para enfatizar a ternura e a compaixão de Deus, o representam, através de comparações antropomórficas de cunho feminino, como mãe carinhosa, como mulher. Assim, diz o segundo Isaías: "Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti" (Is 49, 15-17). E o terceiro Isaías: "Alegrai-vos com Jerusalém, exultai nela, todos os que a amais; regozijai-vos com ela, todos os que por ela estáveis de luto, pois sereis amamentados, sereis carregados sobre as ancas e acariciados sobre os joelhos. Como uma pessoa que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei; sim, em Jerusalém sereis consolados" (Is 66, 10-13).

## A FACE FEMININA DE DEUS NO N.T.

No Novo Testamento, também, a face feminina de Deus está presente. Jesus se refere a Deus e a seu amor de misericórdia para com o pecador como uma mulher que perde uma das dez moedas que tinha e acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la. E, encontrando-a, convoca as amigas e vizinhas para celebrar o acontecido (Lc 15, 8-10). Em outra passagem, o próprio Jesus, lançando um olhar de pranto e dor sobre a Jerusalém assassina dos profetas e incapaz de escutar os ape-



los divinos, se compara a si próprio à mãe desvelada e extremosa que tentou repetidas vezes, sem sucesso, reunir os filhos de Israel como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das asas (Lc 13,34).

Todo esse fundamento bíblico nos permite, portanto, afirmar que o mistério de Deus, comunidade trinitária de amor, se revela também no feminino e que a mulher é tão plenamente sua imagem quanto o homem. Tanto no Pai, como no Filho e no Espírito Santo, podemos perceber traços da revelação feminina de Deus.

## A IGUALDADE É ACENTUADA

Alguns rabis, paralelamente a Paulo, acentuam a igualdade de homens e mulheres diante de Deus: "A compaixão de Deus não é como a compaixão dos homens (...); a sua compaixão se estende igualmente a homem e mulher e a todos". "Disse Deus a Moisés: 'Será que eu faço discriminação de pessoas? Quer israelita quer pagão, quer homem, quer mulher, escravo ou serva, cada um que cumpre o mandamento encontra sua recompensa'". "Todos são iguais diante dele: mulheres, escravos, ricos e pobres". Até encontramos: "Maior é a promessa dada pelo Santo (= Deus) às mulheres que aos homens".

## A ÓTICA MASCULINA

Por outro lado, se repara claramente que a literatura rabinica era escrita por homens e para homens; o ponto de vista é sempre masculino (e rabinico, obviamente). A frase seguinte é absolutamente típica: "Onde a mulher adquire mérito? Enviando filhos a aprender na Sinagoga e seus maridos a estudar nas escolas dos rabis e esperando seus maridos até que eles voltem das escolas dos rabis".

Ainda mais, a situação prática da mulher estava, no judaísmo antigo (como na Igreja), bem abaixo das teorias. O rito de iniciação à religião judaica, a circuncisão, é um rito exclusivamente masculino.

## DISCRIMINADA PELA RELIGIÃO

Para a religião oficial também a mulher pouco contava. Ela não precisava rezar três vezes ao dia como todo judeu homem. Não precisava participar das festas em Jerusalém. Seu lugar nas sinagogas era atrás dos homens ou, mais comumente, em setor separado e escondido. Para se começar uma cerimônia religiosa, era necessário que estivessem presentes dez homens judeus. Podiam estar cem mulheres, se não houvesse os dez homens, nada se fazia. Os pais eram dispensados de ensinar a lei a suas filhas. Com raríssimas exceções, as mulheres não tinham acesso aos estudos. Não podiam ser testemunhas, assim como as crianças e os estrangeiros.

## DIGNIDADE RESGATADA

Jesus inaugura uma experiência do Reino que recupera as pessoas, restituindo-lhes sua integridade, sua saúde, sua força, sua dignidade. Restaura a humanidade e a vida das pessoas. A salvação do Reino não é limitada à alma, mas significa a integridade da pessoa toda, possibilitando sua participação na sociedade. No contato de Jesus com as mulheres, elas experimentam



o poder libertador de Deus, sinal de que o Reino chegou. Jesus consagra a dignidade da mulher. Pela sua atitude estabelece a nova comunidade sobre um novo mandamento: a igualdade, a participação de mulheres e homens juntos, pois Deus ama a todos igual e indistintamente.

## CONVOCADOS À ASSEMBLÉIA DO REINO

Essa promoção das mulheres é um aspecto particular do Evangelho no que tem de mais essencial: a Boa Nova anunciada por Jesus. Aquelas e aqueles que não têm futuro começam a ter esperança a partir de Jesus. Um fato fundamental dos quatro evangelhos é que as mulheres fazem parte da assembléia do Reino convocada por Jesus. Essa assembléia não é só masculina como a dos rabinos. Elas participam junto com os homens. Jesus, conhecendo bem a realidade de opressão e marginalização de seu tempo sobre as mulheres, parece torná-las beneficiárias privilegiadas de seus milagres.

## "IDE E ANUNCIAI O EVANGELHO!"



Jesus Cristo chama todos para uma importante missão: construir o Reino de Deus.

Mas se Você, particularmente, quer consagrar sua vida para esse fim e tem:

- amor por Deus, nosso Pai;
- amor pelos pobres;
- sede de justiça;
- audácia de proclamar a verdade;
- anseio da paz entre as pessoas;
- zelo pela salvação e libertação de todos;
- desejo de trabalhar por um mundo melhor;
- vontade de anunciar o Evangelho a todos...

então é o próprio Cristo quem o chama. Ele conta com você!

## MISSIONÁRIOS CLARETIANOS (padres, irmãos e leigos)

- São Paulo, SP - CEP 01296  
Cx. Postal 54215 -  
Tel.: (011) 66-2128
- Rio Claro, SP - CEP 13500  
Cx. Postal 136 -  
Tel.: (0195) 24-2048
- Curitiba, PR - CEP 80001  
Cx. Postal 153 -  
Tel.: (041) 222-8115
- Esteio, RS - CEP 93250  
Cx. Postal 23 -  
Tel.: (0512) 73-1566
- Pouso Alegre, MG - CEP 37550  
Cx. Postal 115 -  
Tel.: (035) 421-1108

## RELATOS EVANGÉLICOS

Vejamos os relatos evangélicos: a cura da sogra de Pedro (Mc 1,30). Jesus, sabendo-a doente, se aproxima desta mulher, estende a mão, a levanta, e ela começa a participar. A cura da hemorroíssa (Mc 5, 25-34). Por causa do fluxo de sangue mensal, a mulher era marginalizada em Israel. Imagine-se o grau de marginalização de uma mulher que há doze anos sofria de um fluxo de sangue constante. Ela era considerada permanentemente impura e poluidora (Lv 15, 19-31), portanto, barrada do povo eleito. Esta mulher, nos diz o texto, não tem sequer coragem de falar com Jesus; toca-o com fé e esperança e uma força sai dele curando-a. Jesus a acolhe chamando-a de "filha". Portanto, coloca-a dentro do povo eleito, assim como valoriza sua fé, acrescentando: "Vai em paz, você está curada", isto é, recuperada, restaurada, feliz, integrada, saudável. Essa história é interligada com o relato a respeito da filha de Jairo. Jesus se compadece do pai que chora a morte da filha e toca a morta, quebrando o preconceito de pureza relativo aos cadáveres, dando-lhe vida. Paralelo a esse texto, Lucas coloca a ressurreição do filho da viúva de Naim. A viúva era, segundo o Antigo Testamento, um dos três estados de carência total. Jesus se compadece desta viúva que chora a morte de seu filho único e em sua solidariedade e compaixão, consola-a — "não chores mais" — e ressuscita seu filho.

A revista AVE MARIA já está recebendo de seus leitores breves artigos (cartas) sobre o tema da Campanha da Fraternidade deste ano: "Mulher e Homem: Imagem de Deus." Gostaríamos que Você também participasse escrevendo para a revista AM. Os textos devem ser curtos — no máximo 50 linhas — e, de preferência, resultantes de reflexões comunitárias e de grupos.

Para auxiliar anotamos, por exemplo, algumas perguntas:

1) O que Jesus traz de novo sobre o modo de a mulher encarar o seu

## GENEROSIDADE

Além das curas, o Evangelho de Marcos (Mc 10, 1-12) nos relata como Jesus defende o matrimônio em benefício da mulher. Pela legislação vigente, como vimos, em caso de insucesso do casamento, a mulher saía perdendo, sendo freqüentemente repudiada e humilhada. Jesus reinterpreta Gn 1, 29 e acrescenta: "Que ninguém separe o que Deus uniu", depois de criticar a dureza dos corações dos interlocutores. Ao mesmo tempo, Jesus toma a defesa da mulher adúltera contra a hipocrisia daqueles que a acusam (Jo 8, 1-11).

## FILHA DE ABRAÃO

Pela sua prática Jesus relativiza a lei, procurando seu espírito e seu cerne, porque para ele o absoluto é que a pessoa tenha vida plena. Desse modo, por exemplo, ele relativiza o sábado. O sábado é feito para a pessoa e não a pessoa para o sábado. Assim, o relato de (Lc 12, 10-17) nos apresenta Jesus curando, no sábado, uma mulher encurvada há dezoito anos. Jesus se compadece desta mulher e, nela, de alguma forma, da situação de todas as mulheres. Liberta-a de sua enfermidade e, ao mesmo tempo, de sua milenar opressão. Restaura sua dignidade de filha amada de Deus. Jesus a chama de filha de Abraão, destacando, assim, sua condição de membro, de pleno direito, do povo eleito.

trabalho?

2) Que tipo de educação quer o Evangelho com relação à mulher?

3) Como os homens (pastores, maridos, filhos, alunos, colegas) vêm o trabalho da educadora? Cite fatos.

4) Vocês conhecem casos de mulheres marginalizadas em sua comunidade? Contem.

5) Quais os preconceitos que nos levam a discriminar as pessoas, especialmente as mulheres?

6) Quais atitudes de mulheres no Evangelho que impressionaram você?

## JESUS CONVIVE COM AS MULHERES

Os relatos evangélicos nos mostram que Jesus leva a sério as mulheres que a sociedade marginalizava de toda vida social e religiosa. Conhece seus sofrimentos e seus afazeres. Sabe falar-lhes e escutá-las. Ensinando-as e convivendo com elas, dá assim uma resposta à sua expectativa profunda e sua sede de vida. Desafia as proibições legais para curá-las e dirigir-lhes sua mensagem, até o ponto de causar escândalo (Jo 4, 27). Era raro um rabi ensinar as mulheres. Mas Jesus ensina a Marta e Maria e as visita em sua casa (Lc 10, 78). Era inconcebível um rabi aceitar mulheres para segui-lo, abandonando tudo, como faziam as mulheres que acompanham Jesus por toda parte (Mc 15, 40-41; Lc 8, 1-8).

## O NOVO

Colocando estes relatos frente aos dados relativos à situação concreta da mulher na época de Jesus, é que reconhecemos seu caráter "novo" e revolucionário para todos os tempos. Faz explodir as potencialidades abafadas nas mulheres pela milenar opressão. Não se sentindo mais seres de segunda categoria e pecadoras por excelência, as mulheres de hoje podem descobrir sua maneira de atuar na Igreja e na sociedade, assim como atuavam e participavam do movimento de Jesus as mulheres do seu tempo.

7) Por que as mulheres que ficam em casa dizem que não trabalham?

8) Algumas mulheres fazem trabalhos pesados, ao lado dos homens nas lavouras e nas fábricas, ganhando menos e com menores condições de progredir. Por quê?

9) As crianças são responsáveis só das mulheres? Como deve ser um bom pai?

10) Nas revistas "femininas", que assuntos são tratados como sendo de interesse das mulheres?

## PROFETAS DA ESPERANÇA: MULHERES QUE BUSCAM UM MUNDO NOVO

Sônia de Fátima Batagin e  
Maria Luíza Pandolfo Coelho  
Piracicaba, SP

*O que nos fez elaborar este texto, foi a partir da Noite da Solidariedade (Dia 08/03/90) que fizemos em nossa Paróquia, onde ouvimos o desabafo de mulheres de várias categorias, que desfilaram suas preocupações e esperanças.*

Estamos num tempo privilegiado! Privilegiado porque neste ano somos convocadas a refletir e assumir com mais garra a luta da mulher, o companheirismo, a interajuda.

Ao longo da história a mulher sempre foi vista como algo secundário, e agora podemos constatar que ela dei-

xa de ser "sexo frágil" e passa a ser contemplada como mulher arrojada, forte, persistente. Ela é, pois, sujeito ativo de sua história.

Para entender este processo deveríamos resgatar o sinal profético do Concílio Vaticano II, onde abriu perspectivas para que o novo irrompesse na história e forjasse a participação de ambos os sexos.

A mulher deixa de ser "fazedora" e passa a ser coordenadora. Ela deixa "a cozinha" e faz parte do "laboratório", isto é, ela pensa, reflete, organiza, elabora e age com firmeza. Sim, a mulher faz a história!

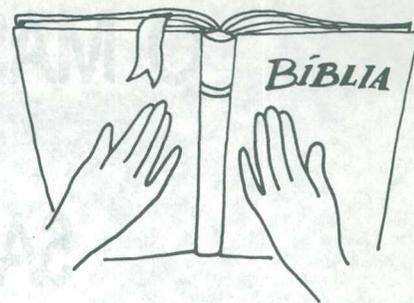
Hoje nós podemos dizer com convicção que ela está à frente das Comunidades, animando, incentivando, sendo uma presença incisiva neste processo libertador. Existem muitas iniciativas que são criadas pelas mulheres, atentas à sua categoria marginalizada. Por exemplo: Clube de Mães, Pastoral da Moradia, Pastoral da Criança, Sopas Comunitárias, etc... É a sensibilidade que se alastra. É a solidariedade que cresce.

São iniciativas que nos dizem o seguinte: A mulher é a profeta que clama por justiça! Quem dera, esse grito, esse desabafo fosse ouvido e dividido em todos os setores da sociedade! É urgente que todas nós sejamos profetas. Precisamos defender a vida porque ela é sacramento de Deus. É preciso resgatar nesta Campanha da Fraternidade a contribuição das mulheres da Bíblia que lutaram em defesa do povo expoliado, e assumirmos nosso batismo que nos insere neste processo de libertação.

É mister que em todo o decorrer do ano nós acreditemos na força de nossa palavra, nas nossas potencialidades, e que urge somar forças, reivindicar um "bom dia" para nosso povo sem escola, sem saúde, sem transporte, sem comida.

"Virá o dia em que todos, ao levantar o olhar, veremos nesta terra reinar a liberdade."

JOVEM!



### PROCLAMAI A BOA NOVA A TODOS OS POVOS.

Nós, irmãs Canisianas, procuramos viver integralmente a Palavra de Deus, nos colocando a serviço da EVANGELIZAÇÃO.

VOCÊ também quer viver assim?

Escreva para:

- Irmãs de São Pedro Canísio  
Caixa Postal, 12  
CEP 12.570 — Aparecida - SP
- Irmãs de São Pedro Canísio  
Caixa Postal, 07.919  
CEP 70.000 — Brasília - DF.

*Senhor,  
o nosso coração  
está inquieto...*  
(S. Agostinho)

*Você não está  
inquieto? inquieta?  
Jovem, qual o seu ideal?*

### VIDA RELIGIOSA AGOSTINIANA:

- Vida de oração
- Comunidade Fraternal
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

Informações em nosso  
Secretariado Vocacional

*Irmãs Agostinianas Missionárias  
Padres Agostinianos*

R. Engº Figueiredo, 31 - Vila Mariana

CEP 04012 — São Paulo - SP

Fone: (011) 571-8959



11) Há diferença nas famílias, na educação entre meninos e meninas? Há tarefas consideradas femininas e outras masculinas? Quais?

12) Que tipo de mulher aparece nas programações de TV?

13) Como a mulher aparece nos anúncios? Dê exemplos.

14) Como a mulher aparece nos programas cômicos?

15) Nos grupos de jovens, as jovens participam das decisões importantes tanto quanto os jovens? Cite fatos.

# O MASCULINO E O FEMININO DENTRO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

No Gênesis se diz que Deus criou a humanidade e a criou varão e mulher; e criou ambos como sua imagem e semelhança (Gn 1,27). Somente enquanto masculino e feminino a humanidade representa Deus aqui na terra. Deus está para além dos sexos. Mas o masculino e o feminino humanos encontram sua última raiz lá dentro do próprio mistério trinitário. Pelo fato de o Deus-Trindade ser masculino e feminino, nós enquanto homens e mulheres podemos ser a sua imagem e semelhança.

Nos últimos anos, muitos cristãos, especialmente mulheres, se deram conta de que a linguagem teológica se apresenta quase toda dentro da versão masculina. Deus é Pai que gera eternamente um Filho e que juntos dão origem, desde sempre, ao Espírito Santo. Os conceitos principais do cristianismo são masculinos e somente homens, com a exclusão das mulheres, possuem a condução da Igreja e são ordenados no sacramento da Ordem.

Baseados na verdade de fé de que cada pessoa humana (masculina e feminina) é imagem e semelhança de Deus, muitos se perguntaram: não poderíamos superar a linguagem sexista (usando só os termos de um sexo, no caso, do masculino) e chegar a utilizar um discurso transexista que aproveita tanto os valores de um sexo quanto de outro para expressar a riqueza do mistério de Deus?



Efetivamente mais e mais cristãos, particularmente nos Estados Unidos, mas também entre nós, evitam de falar só de *homem* para expressar a humanidade e aprendem a dizer sempre homem e mulher, ou simplesmente o ser humano, ou a pessoa humana. De forma semelhante evitam de falar de Deus apenas como Pai; introduzem também a palavra Mãe. O próprio Papa João Paulo I, numa audiência pública, disse: "Deus é Pai, mas é principalmente Mãe".

Os profetas no Antigo Testamento usavam expressões que simbolizavam Deus como a mãe que eleva as pessoas até o colo, beija-as e enxuga-lhes as lágrimas (Os 11,4; Is 49,15; 66-13; Sl 25,6). Ao dizer que Deus é misericordioso, para a mentalidade hebraica significa dizer: Deus é como uma mãe que possui entranhas e se compadece de seus filhos e filhas como toda a mãe,

se apieda de seus filhos e de suas filhas.

O Papa João Paulo II na encíclica sobre a *Misericórdia* nos recordou esta dimensão feminina do Pai. Então podemos dizer: Deus-Pai possui traços maternos e Deus-Mãe possui traços paternos. Deus é simultaneamente Pai e Mãe de infinita ternura. Algo parecido poderíamos dizer do Filho e do Espírito Santo. Eles são co-fonte do feminino e do masculino. Em sua atuação na história da salvação mostram estes traços masculinos e femininos na vida dos homens e das mulheres justos. Com isso Eles estão próximos de cada um de nós e nos envolvem em nossa própria realidade. O nosso masculino e feminino são inseridos no Masculino e Feminino eternos, numa resplandecente comunhão.

*Qual é o nosso futuro como homens e como mulheres? Não basta dizer que ressuscitaremos para a vida eterna. Isso não sacia nossa sede infinita. Cada mulher e cada homem que chegarem ao Reino da Trindade participarão, como homem e como mulher, da própria comunhão trinitária. O feminino e o masculino que nos faz imagem e semelhança da Trindade (Gn 1,27) serão unidos ao eterno Feminino e ao eterno Masculino.*

**Frei Leonardo Boff**

(Extraído do livro: A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade — Vozes)

# UM MÚTUO APOIO

Marcia Helena Merlos, psicóloga



Em termos de humano, os dualismos claro/escuro, branco/preto, superficial/profundo, instintivo/racional, homem/mulher sofrem de indisfarçável artificialismo, sobretudo no caso do homem e da mulher.

Na maioria das vezes, esta dicotomia leva ao indefectível machismo e feminismo, que dificultam uma postura mais sólida a respeito de temas de transcendental importância. Isso deteriora quaisquer estudos e análises mais objetivos que se queiram fazer.

As circunstâncias, os padrões culturais têm seu peso e pressionam as pessoas a assumir determinado papel na sociedade em que vivem. Mas numa época em que a sociedade atingiu a mais alta escala de evolução não poderia haver discriminação e nem distinções, às vezes incompreensíveis.

Homens e mulheres precisariam, mais do que nunca, ser avaliados pelas suas potencialidades, dentro de um processo em que juntos poderiam crescer, evoluir, situar-se e realizar-se como pessoas.

A aptidão, a capacidade seriam levadas em conta. E não o sexo da

pessoa. Infelizmente, não é isso que acontece.

A realidade que nos cerca é testemunho disso. Tudo se desenvolve em decorrência da presença masculina. A sociedade é ainda de tendência patriarcal. Embora algumas transformações tenham acontecido na vida pessoal e profissional da mulher, as maiores chances de trabalho e áreas de influência na sociedade ainda são reservadas aos homens.

Não são levadas em consideração a capacidade, a competência e às experiências individuais.

Se alguma mulher conseguir papel de destaque, seja no meio empresarial, jurídico, cultural ou político, isso é visto como "concessão" e não como fruto da capacidade e esforço pessoal. É ainda o fruto da insegurança que continua dando suporte ao indisfarçável machismo inseqüente. Mas, se, ao invés de se sentirem ameaçados, homens e mulheres somassem esforços, colocando-se a serviço do mútuo desenvolvimento pessoal integral, haveria mais equilíbrio e não concorrência sem sentido.

Homens e mulheres, todos deveriam ter os mesmos direitos e lugar na sociedade de trabalho e no convívio social. Homens e mulheres precisariam entender-se como gente, como pessoas, como fonte de recíproco enriquecimento humano e profissional, sem antagonismos ilógicos e artificiais.

Para além do dualismo homem/mulher que, na maioria das vezes, separa, deverá haver aproximação, integração, interdependência, convivência harmoniosa em que, através da reciprocidade constante, tornam os homens e as mulheres mais pessoais, gente evoluída, precisando-se como bússolas para não errar o caminho na busca do auto-aperfeiçoamento.

E ninguém é mais do que ninguém. Machismo, feminismo seriam apenas um "ismo" sem sentido, se compreendêssemos a razão profunda do significado de ser o homem e a mulher não um confronto de forças, um mundo antagônico, mas, sim, um mútuo apoio para todas as horas, na vida pessoal e na vida profissional.

# MARIA NOS EVANGELHOS

## CONVERSANDO COM MARIA

Pedro Garcia



Neste número continuamos a apresentar a "entrevista" que Pedro Garcia conseguiu com Nossa Senhora. O objetivo do autor, que trabalha entre os pobres e semi-analfabetos da América Central, é levar, através de um meio simples, prático e eficaz, a divulgação do culto a Nossa Senhora.

Foi assim que Pedro Garcia idealizou e escreveu sua "entrevista" com a Virgem Maria.

A "entrevista", em capítulos, foi apresentada e dramatizada, pela primeira vez, pela Rádio Estrella da Guatemala.

A "voz" de Maria era dublada por atrizes de radionovelas, que ganharam, em seus respectivos países, as simpatias e o carinho de todas as classes sociais da população.

E, assim, Pedro Garcia foi "intimado" pelos ouvintes a escrever um livro que reunisse todas as entrevistas, cujo êxito foi tão grande quanto os programas de rádio.

Nesta seção, no "Conversando com Maria", apresentaremos a espiritualidade mariana e as mensagens daquela que é a "cheia de graça".

Neste capítulo "Maria nos Evangelhos" na perspectiva do evangelista João.

### Dos escritos de João

**Pedro Garcia** — *E o que você me diz das escassas notícias de João a seu respeito? Ele só a cita duas vezes: nas bodas de Caná e no Calvário. E ele a chama de "mulher"; nem sequer menciona a palavra "mãe".*

**Maria** — Pois olhe, embora lhe pareça estranho, João, nessas duas ocasiões, coloca um fecho feliz e grandioso no que já haviam dito os outros evangelistas. João é o evangelista teólogo, aquele que dá a última mão à revelação.

**Pedro Garcia** — *Quer dizer que o que ele fala a seu respeito é sempre em sentido figurado? Ah, isso você vai ter de me explicar direitinho...*

**Maria** — Como você já viu em Mateus e Lucas, minha pessoa impressionou fortemente a primeira comunidade cristã. Já era então conhecido o mistério de minha maternidade virginal. Souberam depois que Deus me havia ressuscitado e que eu tinha subido ao céu em corpo e alma, embora esse fato não esteja registrado na Bíblia. Acima de tudo, eu era para eles "a mãe do Senhor Jesus".

**Pedro Garcia** — *O que João pensou então a seu respeito? Sabemos que ele a tratou como ninguém, a partir do momento em que Jesus, na cruz, a confiou aos seus cuidados, pondo depois ele próprio, como seu filho, sob sua proteção.*

**Maria** — Talvez pensando nesse fato, ali, ao pé da cruz, João tenha dado um significado máximo à minha pessoa e à minha missão dentro da Igreja. Ele me viu como a mãe de todos, de Jesus e de vocês, que são o prolongamento e a plenitude de Jesus.

**Pedro Garcia** — *Pelo visto, João pensava como Paulo, para o qual não existe mais do que um só Cristo: Jesus é a cabeça, nós somos os membros.*

**Maria** — É bem provável que João pensasse mesmo isso, expressando-o, porém, de outra maneira. Ele nunca me chama por meu nome, Maria. Usa sempre a expressão: "a mãe de Jesus". E é bom ter sempre presente que, para João, cada personagem ou fato do seu Evangelho é uma realidade eclesial, um sinal dentro da Igreja.

**Pedro Garcia** — *Que significado tem então seu papel nas bodas de Caná? Sim, porque, naturalmente, algum simbolismo deve ter...*

**Maria** — Eu, a mãe de Jesus, represento a mãe solícita e preocupada com os necessitados, que são todos vocês, pois a todos faltava "o vinho", símbolo da alegria messiânica, segundo tantas expressões do Antigo Testamento. E João começa a dizer que eu me preocupava com a Igreja.

**Pedro Garcia** — *Que beleza!... Mas, na ocasião, em Caná, Jesus negou seu pedido e, pouco depois, realizou o estupendo milagre.*

**Maria** — Ele nada me negou. Sua resposta é um modo semita de falar. Eu também não dei ordem alguma a Jesus. Eu expus a ele uma necessidade e dirigi-me depois aos empregados: "Façam aquilo que ele disser". E João quer dizer que eu sou, na Igreja, a primeira evangelizadora de Jesus. É por isso que eu lhe digo: Vocês devem ir sempre a Jesus... Minha dedicação a vocês e minha condição de mãe de Deus fizeram-no adiantar "sua hora" de fazer milagres, por meio de um sinal que o glorificou e moveu a fé dos discípulos.

**Pedro Garcia** — *E o que significa a palavra "hora" de Jesus?*

**Maria** — É a sua glorificação pela cruz e pela ressurreição. É só lembrar o que se passou com Jesus na última ceia: "Pai, chegou minha hora". E meu filho reservava-me um lugar importante em sua "hora". Isto pode ser comprovado pelo que ocorreu no Calvário, onde estive o tempo todo. Em lugar da negativa de Caná, Jesus disse-me: "Espere, pois quando chegar minha hora vou querer vê-la ali!"

**Pedro Garcia** — *Vejo então que o episódio de Caná não é apenas um fato idílico na festa de um casamento. Aquela grande beleza já antecipa a tragédia do Calvário.*

**Maria** — Sim, é verdade. No Calvário, eu seria a *mulher*, a nova Eva, a mãe de todos os seres vivos, segundo a graça de Deus. Todo o paraíso destruído por Adão e Eva ia ser refeito por Jesus, o novo Adão, com o qual eu colaboraria plena, livre e voluntariamente. Um homem, por meio de sua mulher, caíra em desgraça; outro homem, com outra mulher a si associada, traria todas as bênçãos.

**Pedro Garcia** — *E por que Jesus a chama de mulher, não se ouvindo de seus lábios a palavra "mãe"?*

**Maria** — João traça um paralelo entre mim e Eva. No *Apocalipse*, ele

aprofunda-se mais no apelido de *mulher* que me dá. Em mim ele vê personificada a esposa-virgem-mãe que é a Igreja. Eva era sua mãe desafortunada na primeira criação; eu sou sua mãe feliz na nova criação. Para João, no Evangelho, sou a *mulher*, a mesma mulher do *Apocalipse*, a personificação da Igreja.

**Pedro Garcia** — *E João, no seu evangelho, nada mais diz a seu respeito?*

**Maria** — Explicitamente, não. Mas, se você extrair as conseqüências lógicas de sua doutrina, verá que, ao encarnar-se o filho de Deus, sua campanha sobre a terra começou em mim... As uvas da verdadeira videira, que é Jesus, amadureceram no terreno do meu coração... A palavra de Deus espalhou-se enterrando-se em meu seio, dando em mim mais frutos do que em qualquer outro redímido... Jesus, a quem você vê cheio de graça e de verdade, apareceu assim em minhas entranhas; alimentou-se em meu peito de mãe; foi pendurado na cruz tendo-me ali perto; e agora também apareço a seu lado na glória, onde estou vestida de sol e coroada de estrelas...

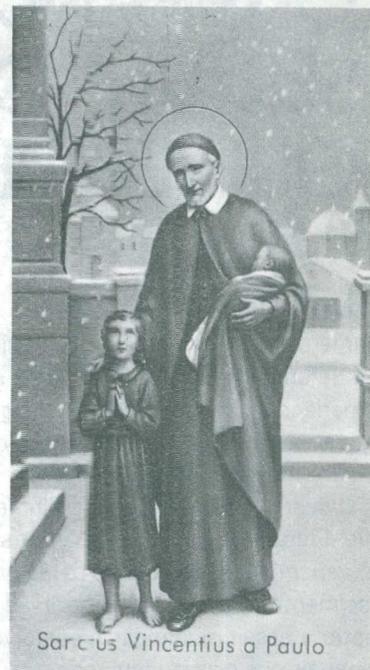
**Pedro Garcia** — *Como os evangelistas são pobres em palavras para louvá-la! Porém eles dizem muito mais do que nossos simples olhos podem captar.*

*Agora, com eles e com a tradição católica como guia, posso continuar a interrogá-la com segurança.*

**Maria** — E você já percebeu que na Igreja ninguém é mariólatra? Com seu culto à minha pessoa, convertido em culto a Deus, nada mais se faz do que seguir os planos divinos. Eu, a mãe de Jesus, a primeira fiel a Deus, sou quem os leva a ele; sou a que continua provendo-os do vinho que falta; a que lhes dá o exemplo a ser seguido, para que todos sejam como Jesus foi. E assim eu os transformo também nos "cheios de graça".

*(Extraído do livro "O Mistério Revelado" de Pedro Garcia, cmf — AM Edições — Tradução de Suely Mendes Brazão)*

## CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO DE GYSEGEM



- Atendendo as necessidades do tempo, vivendo o espírito de Cristo, servindo-o, especialmente na pessoa do pobre.
- Doar-se ao serviço da Igreja.

### ATIVIDADES DAS IRMÃS:

- Educação (creche, escola)
- Saúde • Lar para idosos
- Catequese • Missões
- Inserções • Promoção Social

SE VOCÊ, JOVEM, quer seguir JESUS CRISTO, consagrando-se em nossa CONGREGAÇÃO, entre em contato conosco.

### ALGUNS ENDEREÇOS:

- ALAMEDA BARROS, 656  
Bairro Santa Cecília  
01232 São Paulo - SP
- CASA DE FORMAÇÃO  
Rua Santana de Patos, 209  
Ponte Rasa  
03750 — São Paulo - SP

NOSSA PRESENÇA:  
BÉLGICA • (Casa Mãe)  
BRASIL • CAMARÕES  
ZAIRE

# O GRANDE DILEMA: SER BONS PAIS, SER UM CASAL FELIZ, OU SER PESSOAS REALIZADAS?

Myriam Vallias de Oliveira Lima

Conciliar diferentes papéis dentro do casamento não é uma tarefa muito simples. Serem pais, por exemplo, pode ser a experiência mais maravilhosa e significativa de um casal. Pode ser, por outro lado, muito frustrante.

O desenvolvimento de um filho envolve diferentes etapas. Estas, por sua vez, variam de acordo com o estágio de crescimento. Os pais não só terão de se adaptar a essas mudanças e aos diversos papéis que elas exigem, como terão de cuidar do seu próprio crescimento pessoal e da construção da relação matrimonial. Isto requer um esforço muito grande. Requer muita disciplina também.

As três áreas: pessoal, matrimonial e parental têm que ficar sempre em mente. Se se relega uma delas ao esquecimento as outras serão prejudicadas inevitavelmente. São áreas interligadas. Interdependentes. Como conduzir adequadamente este processo? Muitas vezes os interesses de uma área conflitam com os da outra área, dentro da esfera pessoal e em relação aos interesses do outro, seja este outro o cônjuge ou o filho. Disto resulta uma sobrecarga emocional e tensões que terminam por levar os pais, muitas vezes, a um estado depressivo, a um estresse.

Como minimizar isto?

O conhecimento do que está ocorrendo faz com que seja possível eliminar alguns problemas e diminuir o impacto de outros. Sempre que há alguma mudança há um período de esforço da parte das pessoas envolvidas, até que se chegue a uma adaptação. Exemplificando, quando duas pessoas se casam abrem mão de uma porção do seu espaço individual para formar o espaço da relação conjugal. Isto implica em abdicar de certas posturas independentes, em sacrificar certos interesses, em se esforçar por compreender as necessidades do

outro e as respeitar. Por outro lado, ambos, marido e mulher, terão de cuidar do seu desenvolvimento profissional, das atividades sociais, do relacionamento com a família de cada um.

Mal se completa este ajustamento de duas pessoas que por sua vez têm histórias de vida e *backgrounds* educacionais diferentes e... vem o filho. A dinâmica familiar se altera. A criança, por sua fragilidade e dependência requer muita atenção da mãe. Ela o amamenta, cuida. O pai, por seu lado, ajuda-a e se preocupa em suprir as necessidades econômicas. Os pais abrem mão de parte da atenção que um dá ao outro e que cada um dá a si mesmo, individualmente. Ambos têm de cuidar para que o novo membro da família se sinta seguro e em lhe fornecer condições para que desenvolva sua própria segurança.

É o cuidado para que haja uma coerência entre eles, pais, no estabelecimento das regras. É a preocupação com os valores que querem transmitir. É por outro lado a ansiedade — estarão certos? É esta a forma concreta de educar?

Quando o filho entra na adolescência a pressão emocional se torna mais forte. Se por um lado o filho tenta ser autônomo e independente, dispensa o controle dos pais, por outro lado é muito dependente não só da ajuda econômica, como de seu apoio, dos valores que eles lhes passam, da estrutura familiar. Os pais funcionam como modelos. Mas estes modelos são, muitas vezes, agredidos e rejeitados. E os pais se sentem muito confusos. Muito inseguros às vezes. Não é simples facilitar a independência dos filhos e ao mesmo tempo estabelecer limites. Não é fácil estimular esta autonomia quando eles, pais, se sentem muitas vezes tolhidos na sua independência, pelos diversos papéis que têm de conciliar.

A coisa torna-se mais séria ainda se o casal descuidou do seu crescimento e está passando por uma crise afetiva. Como ensinar o amor aos filhos se não estão vivendo no amor? Como ensinar aos filhos para que se comuniquem adequadamente com eles se eles próprios não sabem interagir? E o estresse emocional fica insuportável e o casal entra em crise. É neste momento que, geralmente, os casais procuram a ajuda do psicólogo ou simplesmente apelam para uma separação.

Quando os filhos ficam adultos e deixam a casa dos pais, por se casarem ou irem morar fora, novamente a dinâmica familiar é alterada. Se o casal não é feliz, se cada um não cuidou de desenvolver seu próprio sentido de vida, é o momento da solidão, do vazio existencial. Muitos casais entram em depressão, como se tivessem perdido a sua finalidade.

O que é fundamental para o fortalecimento emocional e aquisição de resistência às frustrações e adaptação às mudanças?

Primeiramente, valorizar-se a si mesmos como indivíduos. Depois, valorizar-se como casal. Respeitando um ao outro. Percebendo e valorizando a contribuição de cada um para ao crescimento da família. Assim procedendo, seu casamento servirá de modelo para os filhos. Estes procurarão imitar o que vivenciaram, como estilo de interação. A segurança e confiança desenvolvida pelo casal facilitará aos filhos serem também seguros e responsáveis. Se o casal respeita a sua própria individualidade e a do outro, seja este outro o cônjuge ou o filho, por sua vez aprenderá a ser independente e a respeitar os pais. Por outro lado, se o clima é de auto-confiança e abertura, não haverá culpas ou recriminações. ●

# JANTAR MAIS SOFISTICADO

## ENTRADA: Creme de Aspargos

**Rendimento:** 4 a 5 porções

**Ingredientes:**

1 lata de aspargos  
1 litro de caldo de carne ou de galinha  
1 colher (sopa) de margarina  
2 colheres (sopa) de farinha de trigo  
2 colheres (sopa) de creme de leite  
1 colher (sopa) de cebola ralada

1. Refogue a cebola na margarina. Junte a farinha, mexendo-a, para que dissolva.
2. Acrescente o caldo aos poucos, mexendo sempre.
3. Quando estiver encorpado, junte os aspargos e deixe tomar gosto.
4. Na hora de servir, junte o creme de leite e tire do fogo antes que ferva.

## PRATO PRINCIPAL: Sufê de galinha

**Rendimento:** 6 a 8 porções

**Ingredientes:**

1/2 galinha  
1 palmito  
1/2 litro de leite  
1 1/2 colher (sopa) de margarina  
1 1/2 colher (sopa) de maisena  
6 ovos  
sal

1. Refogue a galinha com os temperos habituais e deixe amaciar.
2. Cozinhe o palmito na água e sal.
3. Prepare um molho branco. Leve ao fogo o leite com a margarina e um pouco de sal. Quando ferver, acrescente a maisena dissolvida num pouco de leite. Mexa bem até engrossar.
4. Tire o molho branco do fogo e junte as gemas. Mexa bem.
5. Acrescente o palmito cozido e picado. Junte também pedaços de carne de galinha.
6. Deixe esfriar muito bem e junte as claras, batidas em neve.
7. Misture, despeje num pirex grande e leve ao forno quente. Sirva imediatamente ao tirar do forno, para não murchar.

## ACOMPANHAMENTO: Acelga à milanesa

**Rendimento:** 4 a 5 porções

**Ingredientes:**

1 maço de acelga  
1 ovo  
1 colher (chá) de sal  
1 colher (chá) de farinha de rosca ou de milho  
1 colher (chá) de queijo ralado

1. Lave as folhas. Separe os talos e corte-os em 2 ou 3 pedaços. Escalde-os em água e sal e escorra-os.
2. Bata o ovo inteiro, com sal. Passe os talos pelo ovo e depois pela farinha de rosca. Frite em cerca de 6 colheres (sopa) de gordura quente e polvilhe com queijo.

(Nota para principiantes: Retire os talos da gordura assim que dourarem para que não escureçam. Polvilhe o queijo à medida que for fritando, para que fique preso aos talos ainda quentes.

## SOBREMESA: Pudim de côco

**Rendimento:** 5 a 6 porções

**Ingredientes:**

500 g de açúcar em calda  
5 ovos  
1/2 côco ralado  
3 colheres (sopa) de queijo de Minas ralado  
1 colher (sopa) de margarina  
2 colheres (sopa) de farinha de trigo

1. Misture a margarina, o côco e o queijo na calda quente.
2. Deixe esfriar, junte os ovos ligeiramente batidos e, por último, a farinha de trigo peneirada.
3. Leve ao forno em forma untada com margarina.
4. Sirva no dia seguinte, que fica mais saboroso.

# Os Co-Dependentes

Donald Lazo

Inicialmente, o alcoólatra era visto — e tratado — como se fosse uma pessoa totalmente desligada do resto de sua família. Aliás, até hoje no Brasil, os alcoólatras, na sua grande maioria, ainda são os únicos membros da família a serem tratados. Como se tivessem pneumonia, diabetes, câncer ou alguma outra doença não contagiosa.

Mas o alcoolismo é uma doença contagiosa... emocionalmente.

Por isso, com o passar dos anos, tem havido um reconhecimento crescente de que a convivência com um alcoólatra (ou com muitas outras pessoas de comportamento anormal que não cabe aqui discutir) leva a um comportamento por parte dos cônjuges e filhos que se torna previsível, rígido, ineficaz e contraproducente para todos. E assim, na gíria dos que trabalham profissionalmente no campo da dependência química surgiram palavras como "facilitador", "co-dependência", "herói", "bode expiatório" etc., dirigidas às pessoas que convivem com alcoólatras e que são emocionalmente afetadas pelo comportamento inadequado dos mesmos.

Estas pessoas (os cônjuges e filhos de alcoólatras) também passaram a ser considerados "doentes" — mental, emocional, espiritual e até fisicamente.

Seria correto chamar de doentes estas pessoas? Tudo indica que sim, pois são pessoas que se comportam de uma maneira que não conseguem controlar (a não ser através de um tratamento bastante específico para a co-dependência) e que, progressivamente, arruina suas vidas.

A chamada co-dependência é um comportamento que surge como uma defesa contra as dores e angústias de se viver com uma pessoa em quem não se pode confiar.

Infelizmente, esta atitude defensiva

não funciona, nem para recuperar o alcoólatra com quem se está vivendo, nem para trazer equilíbrio e alívio para os familiares que desenvolvem o comportamento. Pelo contrário, o alcoólatra, junto com o comportamento defensivo do co-dependente, torna o familiar uma pessoa hostil, controladora, manipuladora, cheia de sentimentos de culpa, de difícil comunicação, geralmente desagradável, freqüentemente deprimida e, às vezes, bastante antipática. Reagindo constantemente ao comportamento imprevisível do alcoólatra, estes cônjuges e filhos gritam e xingam, escondem ou jogam fora suas garrafas, tentam frustrar seus esforços de conseguir mais bebida e vivem perguntando: "Por que você me trata dessa forma?" ou "O que há com você, afinal?". Porém, estão sempre ali para resgatá-lo dos desastres que seu beber cria.

Vivem ameaçando abandoná-lo, mas não conseguem cumprir a ameaça. Bem, às vezes, em total desespero, acabam abandonando-o mesmo. Mas a separação raramente dura mais do que alguns dias. Preocupadas com a incapacidade de se virar sem elas, e cheias de sentimento de culpa, acabam voltando com sua primeira promessa de se comportar daí em diante. E logo se encontram de novo no turbulento e intolerável círculo vicioso de sempre.

Poucas pessoas sofrem mais que os co-dependentes. Sentem-se responsáveis pelo mundo inteiro, mas recusam responsabilizar-se por viver bem suas próprias vidas. Estão constantemente se doando aos outros, mas não sabem receber. São peritas em cuidar de todos que as cercam e, no entanto, duvidam de sua capacidade de cuidar de si mesmas.

São pessoas totalmente preocupadas com seus alcoólatras. Com grande

precisão, conseguem recitar minuciosamente todas as malandragens deles. Sabem dizer o que seus alcoólatras pensam, sentem, fazem e dizem. Sabem exatamente o que seus alcoólatras deviam e não deviam fazer. Mas não sabem o que elas mesmas estão sentindo. E, certamente, não sabem o que devem fazer para resolver seus problemas — se é que consideram ter algum problema fora o alcoólatra.

Estas pessoas estão tão envolvidas com seus alcoólatras que já, há tempo, pararam de viver suas próprias vidas. Vivem a vida do alcoólatra. Quando ele está mal, elas estão mal. Quando ele está bem, elas estão bem. Há uma piada, mais triste do que engraçada, que diz que um co-dependente é uma pessoa que quando morre, vê toda a vida do cônjuge passar pela sua mente.

Pretendo escrever mais sobre estes sofredores e sobre o que podem fazer para se recuperar, em edições futuras da AVE MARIA, pois sei que muitos leitores desta magnífica revista são co-dependentes.



**CHÁCARA REINDAL**  
Especializada em  
alcoolismo

*Sua melhor chance de se  
recuperar do alcoolismo e  
iniciar uma vida nova,  
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896  
01498 São Paulo, SP  
(Fone: (011) 520-9514)

# DOGMAS E SACRAMENTOS

## A CATEQUESE DA REFORMA CATÓLICA

Pe. Eugênio Pessato cmf

### IV — Os Catecismos dos Jesuítas:

As ordens religiosas que tiveram grande influência na catequese nesse período da Igreja foram os Barnabitas, Franciscanos Capuchinhos, Esculápios, mas, mais que todos estes, os Jesuítas.

Santo Inácio de Loyola, seu fundador, infundiu-lhes um grande espírito apostólico inspirado, naturalmente, no momento eclesial que vivia, considerando a Bíblia como alimento espiritual e fonte da doutrina e os argumentos de sua vida apostólica são os costumes, os vícios e as virtudes.

Vou apresentar-lhes dois catecismos, fruto da espiritualidade inaciana, que foram considerados os mais importantes em sua época.

#### 1. CATECISMOS DE SÃO PEDRO CANÍSIO:

Este santo viveu entre os anos 1521 e 1597. Em 1555 escreveu a *Summa Doctrinae Christianae* (Resumo da doutrina cristã) para uso das pessoas mais cultas e dos catequistas, conhecido também como *Catecismo Maior*.

Em 1556 escreveu um resumo do mesmo catecismo, chamado *Catecismo Mínimo*, para as crianças e o povo, com 59 breves parágrafos. Em 1558 publicou um texto intermediário para a juventude estudantil: *Parvus Catechismus Catholicorum*, mais conhecido como *Catecismo Menor*, que também foi publicado com outros títulos.

Nestas obras, São Pedro Canísio explica os pontos já tradicionais da mensagem cristã: a fé e o símbolo da fé; a esperança e a oração dominical juntamente com a oração angélica (Ave Maria); a caridade e os dez mandamentos; os sacramentos; a justificação (pecado, boas obras, virtudes e bem-aventuranças).

Sua obra catequética, não foge ao clima polêmico da época: "Quem deve ser chamado de cristão? — Quem professa a doutrina salvífica de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na sua Igreja. Por isso os cultos e as seitas que se encontram fora da doutrina e da Igreja de Cristo... como judeus, pagãos, muçulmanos, heréticos, são condenados e detestados energeticamente por aquele que verdadeiramente é cristão".

Concluindo: esta obra catequética pode ser considerada na mesma linha da Idade Média pela sua organização em torno das virtudes teológicas, pelo seu modo de utilizar a Bíblia como autoridade e pela sua visão da mensagem catequética, que coloca o homem como centro de tudo.

Seu catecismo teve grande influência na Alemanha e também nas terras de missão dos Jesuítas, como no caso do Brasil; ele foi traduzido em onze línguas, tendo mais de 400 edições.

#### 2. A OBRA CATEQUÉTICA DE SÃO ROBERTO BELARMINO:

No final do século XVI aparece a *Explicação da Doutrina Cristã* de São Roberto Belarmino, destinada a substituir o catecismo de São Pedro Canísio e mais tarde, a ser considerado como modelo dos catecismos pelo Concílio Vaticano I.

São Roberto Belarmino viveu entre os anos 1542 a 1621. Seu catecismo foi marcado pelo caráter antiprotetante. Vejamos primeiramente estas três obras: *Declarações mais Copiosas sobre a Doutrina Cristã* (1598), *Doutrina Cristã Breve* (1597) e *Declaração do Símbolo* (1604). Esta última é composta de quatro partes principais: Credo, Pai Nosso, os Mandamentos e os Sacramentos; trata ainda da Ave Maria, as virtudes, os pecados e os dons do Espírito Santo; numa das obras trata também dos novíssimos.

O sentido entre os vários elementos da mensagem catequética continua o mesmo apresentado por Santo Agostinho: "Porque são quatro os elementos principais da catequese. Porque três são as virtudes principais: FÉ, pois nos ensina aquilo que devemos crer. O Pai Nosso é necessário para a ESPERANÇA. Os Dez Mandamentos são necessários para a CARIDADE porque nos ensinam o que devemos fazer para agradar a Deus. Os sacramentos são necessários porque são os instrumentos com os quais se recebem e se conservam as virtudes, que como dissemos, são necessárias para a salvação".

A linguagem catequética de São Belarmino torna-se muito técnica. Perde-se um pouco aquele sabor bíblico que encontramos no catecismo romano de São Pedro Canísio, que vimos antes. Eis um exemplo da linguagem técnica por ele utilizada:

"Somente Deus pode ser chamado de CRIADOR, pois ele não tem necessidade de nenhuma matéria para fazer as coisas... O Filho de Deus não foi gerado com auxílio de mulher, ou com a necessidade de um longo tempo ou a estupidez da concupiscência ou outras imperfeições; pois, como foi dito, ele foi gerado pelo Pai com simples olhar de si mesmo, com o olho puríssimo do intelecto divino".

A difusão da obra catequética de São Roberto Belarmino foi imensa, superando de longe a obra de São Pedro Canísio; o pior seria se fosse o contrário. Ela foi traduzida em mais de 50 entre línguas e dialetos, merecendo um entusiástico elogio dos participantes do Concílio Vaticano I.

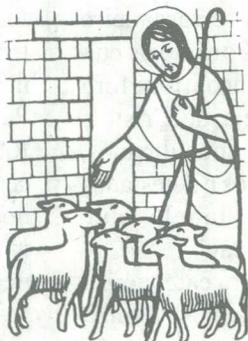
Com estes dois santos, nasce a *catequese moderna católica*, profundamente ligada à catequese medieval tanto pela organização da matéria quanto pela visão da mensagem e da espiritualidade nela contidas, que influenciou a catequese até nossos dias.

## JAVÉ É MEU PASTOR, NADA ME FALTA

4.º domingo da páscoa  
06/05/90

1.ª leitura: At 2,14a.36-41

Nesta leitura vemos que após cada um dos grandes discursos apostólicos é feito um apelo à conversão, para se obter o perdão dos pecados. E o que, ao ouvir a mensagem, opta pelo Cristo, começa também uma vida nova por meio do batismo em nome do mesmo Jesus.



2.ª leitura: 1Pd 2, 20b-25

Dirigida aos criados, o texto vale também para todos os cristãos. Pedro sabe que os que vão ler sua carta sofrem perseguições injustas, no entanto ele insiste em que suportem o que vem da maldade e olhem a Cristo. Este texto, tem suas reminiscências em Is 53 (servo sofredor). Assim, os cristãos ao serem maltratados, devem lembrar-se de Jesus crucificado pelos nossos pecados, inocente e paciente. A figura das ovelhas perdidas evoca a do pastor, ao qual o rebanho se confia pelo batismo.

Evangelho: Jo 10,1-10

Jesus é o pastor anunciado pela Bíblia e esperado pelos judeus. Vem em nome de Deus para reunir as ovelhas dispersas. No entanto, Jesus, ainda que cumpra o anúncio dos profetas, não o faz da forma esperada. Vemos que Jesus é a *porta*, e se fará reconhecer aos verdadeiros pastores pela maneira de imitá-lo. Jesus *chama* a cada um: a fé de cada um é uma resposta pessoal. Jesus *conduz* as ovelhas para a vida eterna, sem pátria neste mundo.

Por isso, ao declarar-se o pastor das ovelhas, a porta do redil, o bom pastor, Jesus revela-se a si mesmo como o Messias anunciado. Alegoricamente, ele define o discípulo com a imagem da ovelha que ouve sua voz e conhece o pastor, conhecimento que Jesus emprega e quer que seja doação total. Por isso, Jesus pedirá aos pastores de sua Igreja que estejam dispostos a sacrificar suas vidas.

Comentário:

O quarto domingo pascal é o do bom pastor, e todos os anos medita-se nesta passagem. A figura do

pastor que guia suas ovelhas era familiar a Israel. Seus chefes deviam ser servos do único pastor; mas, com muita freqüência, seguindo interesses egoístas, e perspectivas errôneas, traíram e desviaram o rebanho de Deus. Jesus se apresenta como o pastor segundo o coração de Deus, aquele que foi anunciado pelos profetas. Ele é a porta das ovelhas, que conduzidas através dele, encontrarão a vida. Antes dele vieram pessoas que entravam e saíam não pela porta, mas por outro lugar: eram assaltantes.

Na segunda leitura vemos que, Pedro, dirigindo-se aos servos convertidos, exorta-os a seguir o exemplo de Cristo e lembra-lhes que essa é uma necessidade que vem do fato de terem aceito a Cristo, que os salvou para uma vida de justiça e agora é o guia de suas almas.

Na primeira leitura vemos que a proclamação de Pedro provoca arrependimento no coração dos judeus, que convertem-se e aderem ao círculo dos discípulos. O batismo, recebido como ato de consagração a Cristo, não só é sinal do perdão obtido, mas também marca da pertença ao novo povo, constituído por judeus e pagãos.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: DIA 7, 2.ª-f.: At 11,1-18; Jo 10,11-18. DIA 8, 3.ª-f.: At 11,19-26; Jo 10,22-30. DIA 9, 4.ª-f.: At 12,24-13,5a; Jo 12,44-50. DIA 10, 5.ª-f.: At 13,13-25; Jo 13,16-20. DIA 11, 6.ª-f.: At 13,26-33; Jo 14,1-6. DIA 12, SÁBADO: At 13,44-52; Jo 14,7-14.

## O JUSTOS, EXULTAI EM JAVÉ

5.º domingo da páscoa  
13/05/90

1.ª leitura: At 6,1-7

Vemos que a comunidade necessita de uma organização melhor nas distribuições comuns. Nesta oportunidade os apóstolos se negam a deixar sua missão de homens de oração e pregação, para transformarem-se em encarregados de certos serviços. Os *helenistas*, judeus que viveram fora da Palestina reclamam maior atenção. Já vemos aí, no início da Igreja, uma certa divisão entre estes e os judeus autóctones. São escolhidos sete diáconos, que devem estar plenos de fé e do Espírito Santo; também devem assumir o ministério dos pobres em geral.



2.ª leitura: 1Pd 2,4-9

Este trecho está marcado de reminiscências do

Ex 19. O povo santo de outrora constituiu-se junto do Sinai, mas não podia aproximar-se de Deus. O novo povo de Deus constituiu-se junto a uma outra rocha, a pedra, da qual podemos nos aproximar. Da mesma maneira, aos sacrifícios que tinham selado a aliança antiga, sobrepõem-se os sacrifícios espirituais dos cristãos. Por outra parte, a imagem do crescimento cede lugar à da construção.

**Evangelho:** Jo 14,1-12.

Esta passagem contém o primeiro discurso de despedida de Jesus. Dirige-se a seus discípulos e aos crentes de todos os tempos. Procura que seus discípulos passem da intimidade de sua pessoa visível e terrena à intimidade do ressuscitado, presente e invisível: "faz tanto tempo que estou com vocês...", disse Jesus a seus discípulos, mas quando for glorificado, eu estarei com vocês". Jesus mostra também aos discípulos que a fé em Deus e nele vence a dor da separação. E consola-os afirmando que voltará.

Cristo mostra que é o *Caminho*, enquanto viveu em sua pessoa a transfiguração da humanidade fiel na glória de Deus e comunica essa experiência aos seus irmãos. É casa de Deus, porque nele e com ele a humanidade encontra o Pai e vive da sua vida. Só Cristo, a cujas mãos o Pai confiou todas as coisas, pode comunicar a *Vida*, que é o conhecimento, cheio de amor de Deus. Cristo é a *Verdade* plena e profunda de todas as religiões, de suas doutrinas, ritos, comportamentos, na medida em que constituem uma busca sincera de Deus.

**Comentário:**

A idéia fundamental deste domingo aprofunda a do domingo passado. Cristo foi chamado "porta das ovelhas". No Evangelho de hoje vemos com maior clareza por que Cristo é o "acesso ao Pai", porque é: caminho, verdade e vida. Assim, se Cristo é o único caminho que leva à casa do Pai, a Igreja em marcha participa do mesmo mistério; realiza no tempo a passagem ao Pai, que o Senhor Jesus cumpriu em sua páscoa de sofrimento e de glória. Ela não é a casa definitiva mas apenas a tenda de reunião, o ponto de referência que não deve, com escleroses ideológicas, impedir aos homens o diálogo de salvação com aquele que é caminho, verdade e vida.

As duas primeiras leituras descrevem a continuação da comunidade do Cristo. As palavras de Cristo: "quem me vê, vê o Pai", são bem atuais. Quem tem medo de encarar o rosto dos pobres, não é capaz de conhecer a glória do Pai, que se dá a ver no rosto coroado de espinhos de Jesus de Nazaré.

**LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:** DIA 14, 2<sup>a</sup>.f.: At 1,15-17.20-26; Jo 15,9-17. DIA 15, 3<sup>a</sup>.f.: At 14,18-27; Jo 14,27-31a. DIA 16, 4<sup>a</sup>.f.: At 15,1-6; Jo 15,1-8. DIA 17, 5<sup>a</sup>.f.: At 15,7-21; Jo 15,9-11. DIA 18, 6<sup>a</sup>.f.: At 15,22-31; Jo 15,12-17. DIA 19, SÁBADO: At 16,1-10; Jo 15,18-21.

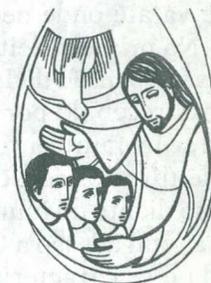
## ACLAMAI A DEUS, TERRA INTEIRA

6<sup>o</sup> domingo da páscoa  
20/05/90

**1<sup>a</sup> leitura:** At 8,5-8.14-17

Com o episódio de Estêvão (At 6,8-7, 60), um bom número de cristãos devem fugir de Jerusalém. Estes judeus convertidos de Jerusalém, entre os quais o diácono Filipe, evangelizam aos homens da Samaria, que como sabemos, não se davam com os judeus.

Fazem isto porque tiveram de refugiar-se ali; assim vemos que Deus se serve das perseguições da Igreja para estendê-la ao mundo. Com isto, os apóstolos Pedro e João vêm de Jerusalém para invocar o Espírito Santo sobre os recém-convertidos, significando com isto a unidade da Igreja.



**2<sup>a</sup> leitura:** IPd 3,15-18

Vemos que os cristãos diferem-se dos pagãos por sua esperança. Eles dão testemunho de que pertencem a Cristo, diante dos pagãos que ignoram toda esperança. E eles têm oportunidade para isso por ocasião das perseguições locais. Em Cristo, eles enxergam a força da vida e do amor. Por isso, eles podem responder por sua fé, com segurança, diante de Deus e dos homens. E não receiam o sofrimento que Cristo conheceu.

**Evangelho:** Jo 14,15-21

Amar Jesus não é agarrar-se à sua presença sensível, mas "guardar" sua palavra. Entretanto, mesmo na ausência física, o Senhor ficará presente no Paráclito, que o Pai enviará ao mundo.

Esse amor é também o melhor testemunho da novidade de vida trazida por Cristo, que não é só o respeito à liberdade e à dignidade dos outros, mas também ao reconhecimento de uma fraternidade baseada na adoção de filhos de Deus. Esse amor teológico dá uma dimensão mais profunda ao esforço, comum aos não-cristãos, de promoção e libertação do homem, e de construção de um mundo mais justo e pacífico.

**Comentário:**

A reflexão deste domingo continua a meditação das palavras de despedida de Jesus no Evangelho de João. Esta meditação introduz o tema do Espírito Santo, que João chama de paráclito, e graças a ele a despedida de Jesus não nos coloca numa situação de órfãos, pois estamos nele e ele em nós; tudo isso com a condição de guardarmos sua palavra e seu

amor. Pois sem o amor a criação do mundo novo, mais justo e fraterno não será realizada. Por isso procurar-se-á o amor de Cristo, que salve o homem todo: sua dignidade, sua liberdade, sua necessidade de Deus; um amor concreto, que se interesse pelos que estão perto prestando-lhes algum auxílio; um amor que vá até onde nenhum outro possa ir.

Na primeira leitura vemos o Espírito Santo agindo na expansão da Igreja primitiva; e este mesmo Espírito recebido por uns e outros é sinal da unidade que se instaura entre judeus e samaritanos. A segunda leitura nos conscientiza de que estamos num processo diante do mundo. A vida cristã santa deriva de uma total adesão a Cristo e da lembrança por ele deixada e se caracteriza pela mansidão, pelo respeito e pela consciência reta. Pedro coloca a não-violência do cristão diante das potências deste mundo.

**LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: DIA 21, 2ª-f.:** At 16,11-15; Jo 15,26-16,4. **DIA 22, 3ª-f.:** At 16,22-34; Jo 16,5b-11. **DIA 23, 4ª-f.:** At 17,15-22-18,1; Jo 16,12-15. **DIA 24, 5ª-f.:** At 18,1-8; Jo 16,16-20. **DIA 25, 6ª-f.:** At 18,9-18; Jo 16,20-23a. **DIA 26, SÁBADO:** At 18,23-28; Jo 16,23b-28.

## POVOS TODOS, ACLAMAI A DEUS COM ALEGRIA

7º domingo Ascensão do Senhor  
27/05/90

1ª leitura: At 1,1-11

O livro dos Atos dos Apóstolos começa onde termina o Evangelho de Lucas: a Ascensão de Jesus. Jesus já está na glória do Pai desde o dia da Ressurreição. Ele aparece durante 40 dias aos seus e na última vez que lhes aparece, quer despedir-se de forma mais solene e dar a entender que vive na glória do Pai. Vemos também que os 40 dias entre a Páscoa e a Ascensão preparam o desabrochar da Igreja. Os discípulos deverão levar a mensagem de Jesus ao mundo inteiro (missão), e para isso receberão a força do Espírito.



2ª leitura: Ef 1,17-23

Tendo conhecimento da fé e do amor dos efésios, Paulo se alegra por eles, mas mais que tudo pede para eles a esperança, que deve ser a fonte de seu dinamismo. Assim descreve ele os passos da esperança: 1. conhecer a Deus; 2. apreciar a herança que Ele reserva a seus santos; 3. compreender com que força Deus atua para nos levar à realização dessas esperanças. E esta esperança começa a realizar-se na Igreja, corpo de Cristo e sua presença atuante no mundo.

Evangelho: Mt 28,16-20

Nestas últimas instruções de Jesus com a promessa que as acompanha, está condensada a missão da Igreja. Cristo glorificado exerce, na terra e no céu, o poder sem limite que recebeu do Pai. Portanto, os seus discípulos exercerão esse poder em seu nome pelo Batismo e pela formação dos cristãos. A sua missão é universal: depois de ter anunciado a salvação ao povo de Israel, como exigia o plano divino, doravante deverá ser oferecida a todas as nações. E nesta obra de conversão universal, por mais demorada e laboriosa que seja, o Ressuscitado estará vivo e ativo com os seus.

Interpretando teologicamente a Ascensão de Jesus, recomendam os anjos que não se fique a olhar para o céu, mas que se espere e se prepare a volta gloriosa do Senhor. Esta é, até o fim dos tempos, a missão da Igreja, em tensão entre o visível e o invisível, entre a realidade presente e a futura cidade para a qual caminhamos (cf. SC.2).

Comentário:

A liturgia de hoje quer refletir que Jesus, depois de sua ressurreição, não quer retomar o que ele fazia antes, nem implantar um teocrático reino de Deus no mundo, como muitos achavam que ele devia ter feito na sua vida terrestre. Jesus se realiza agora numa outra dimensão, a dimensão de sua glória. A atividade aqui na terra, ele a deixa para nós que devemos reinventá-la a cada momento.

Assim, ao celebrarmos sua entrada na glória, não celebramos sua despedida, mas um novo modo de presença. E devemos viver com a mente no céu o que não nos dispensa de estar com os pés no chão.

Assim, o cristão deve procurar um equilíbrio entre fé e vida, entre céu e mundo terreno; "somos advertidos, com efeito, de que não adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma; contudo, a esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve estimular a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra. Nela cresce o corpo da nova família humana que já pode apresentar algum esboço do novo século. Por isso, ainda que o progresso terreno deva ser cuidadosamente distinguido do aumento do Reino de Cristo, contudo é de grande interesse para o Reino de Deus, na medida em que pode contribuir para organizar a sociedade humana." (GS.39.43 e 57).

**LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: DIA 28, 2ª-f.:** At 19,1-8; Jo 16,29-33. **DIA 29, 3ª-f.:** At 20,17-27; Jo 17,1-11a. **DIA 30, 4ª-f.:** At 20,28-38; Jo 17,11b-19. **DIA 31, 5ª-f.:** Sf 3,14-18 ou Rm 12,9-16b; Lc 1,39-56. **DIA 01, 6ª-f.:** At 25,13-21 ou pr 1Cor 1,18-25; Jo 21,15-19. **DIA 02, SÁBADO:** At 28, 16-20.30-31; Jo 21,20-25. À tarde: **VIGILIA DE PENTECOSTES:** Gn 11,1-9 ou Ex 19,3-8a.16-20b; ou Ez 37,1-14; Jo 7,37-39.

3 MINUTOS DE HUMOR



RELENDO A BÍBLIA

PÁSCOA

Alegremo-nos todos no Senhor porque sua vitória sobre a morte é a nossa vitória.

Colocando as palavras nos seus devidos lugares você ficará conhecendo um pouco de dois salmos para louvar ao Senhor com toda a Igreja neste dia tão especial.

- 3 letras: dia; fez; luz
- 4 letras: Deus; para
- 5 letras: feliz; homem; minha; nosso; sobre
- 6 letras: confia; Senhor
- 7 letras: alegria; coração; exultam
- 9 letras: exércitos
- 10 letras: felicidade

1. "Este é o \_\_\_\_\_ que o \_\_\_\_\_ fez: seja \_\_\_\_\_ nós dia de \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_." (Salmo 117,24)
2. "O Senhor é \_\_\_\_\_ Deus. Ele \_\_\_\_\_ brilhar \_\_\_\_\_ nós a sua \_\_\_\_\_." (Salmo 117,27)
3. "Meu \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ carne \_\_\_\_\_ pelo \_\_\_\_\_ vivo." (Salmo 83,3)
4. Ó Senhor dos \_\_\_\_\_, o \_\_\_\_\_ que em vós \_\_\_\_\_." (Salmo 83,13)

# CELEBRE MAIO, O MÊS DE MARIA, LENDO AS MAIS BELAS OBRAS MARIANAS. VOCÊ TERÁ 30% DE DESCONTO!



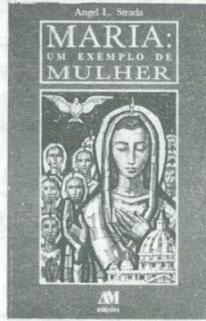
Texto: José Cristó Rey García Paredes  
Tradução: Suely Mendes Brazão

A verdadeira história de Maria  
Uma série pormenorizada de  
comentários sobre a encíclica  
*Redemptoris Mater* do papa João Paulo  
II. No final deste livro você encontrará  
orações diárias para o mês de maio, o  
mês de Maria.  
144 páginas.



Texto: Jesus Bermejo  
Tradução: Oswair Chiozini

Maria na vida de João XXIII  
329 comentários, frases ou citações  
feitas pelo papa João XXIII durante  
toda a sua vida. E mais: orações a  
Nossa Senhora e o Santo Rosário —  
reflexões sobre os quinze mistérios  
contidos na recitação do Santo Rosário.  
96 páginas



Texto: Angel L. Strada  
Tradução: Attilio Cancian

Maria, um exemplo de mulher  
Obra de estudo e de reflexão, excelente  
material para os agentes evangelizadores  
e para aqueles que querem aprofundar-  
se no mistério de Cristo e do homem.  
280 páginas



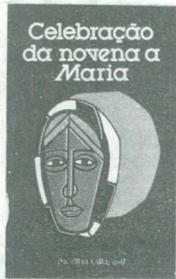
Texto: Alfonso Milagro

Os cinco minutos de Maria  
Livro de reflexão e meditação, deve ser  
saboreado pelo leitor com muita  
tranquilidade. Após a leitura de cada  
tópico referente a Maria, sua pessoa e  
sua missão, sugere-se cinco minutos de  
ponderação sobre nossas vidas e nossas  
realizações.  
229 páginas



Texto: José Cristó Rey García Paredes  
Tradução: Suely Mendes Brazão

O livro fala de Maria e apresenta-nos a  
Virgem dentro das coordenadas da  
realidade da América Latina.  
Atualmente, os latino-americanos em  
geral, e sobretudo os brasileiros, vivem  
intensamente um processo de esperança  
e libertação, no qual surge Maria como  
sinal e modelo.  
168 páginas



Texto: Elias Leite  
Tradução: Suely Mendes Brazão

Livro de bolso que apresenta uma  
novena a Nossa Senhora, podendo ser  
acompanhada em comunidade — dentro  
e fora da missa — ou em particular —  
em casa ou na Igreja. O leitor  
encontrará, em cada capítulo, textos  
bíblicos, com interpretação de  
perguntas.  
35 páginas



Texto: Elias Leite  
Tradução: Suely Mendes Brazão

Maria ocupa posição de destaque na  
vida da Igreja. O livro aborda aspectos  
da vida de Nossa Senhora e de alguns  
santos, mostrando que a santidade não  
é privilégio de alguns.  
37 páginas



Texto: Pedro Garcia  
Tradução: Suely Mendes Brazão

O mistério revelado  
Em entrevista exclusiva, Maria "fala" e  
"comenta", pela primeira vez, sua vida,  
sua missão, seu nome, seus títulos, sua  
maternidade, sua virgindade, seu culto,  
seu rosário e sua glória no céu, após a  
assunção.  
112 páginas

Assinale nos quadrinhos a  
quantidade  
de livros desejados e remeta  
este cupom para  
AM EDIÇÕES

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Rua Martim Francisco, 656  
Caixa Postal 54165  
01226 São Paulo-SP

- A VERDADEIRA HISTÓRIA DE MARIA ..... 150,00
- MARIA NA VIDA DE JOÃO XXIII..... 105,00
- MARIA, UM EXEMPLO DE MULHER ..... 315,00
- MARIA, A MULHER DO REINO DE DEUS ..... 160,00
- OS CINCO MINUTOS DE MARIA ..... 160,00
- MARIA E OS SANTOS..... 30,00
- CELEBRAÇÃO DA NOVENA A MARIA ..... 56,00
- O MISTÉRIO REVELADO ..... 180,00

# ELE

José Wanderley Dias

Vieio para unir.  
Todavia, separou definitivamente: era sinal de  
contradição.  
Separou os tempos  
Que passaram a ser antes dele e depois dele.  
As criaturas em torno de sua mensagem.  
Ou se é a favor dele ou contra ele.  
Porque não há meio-termo.  
Já que regou, com seu sangue, a definição: o  
sim, sim; o não, não.  
De que não se pode servir a dois senhores ao  
mesmo tempo.  
Dividiu, separou, marcou.  
A vida em morte e ressurreição.  
Ou se morre ou se vive para sempre.  
Ensinou. Delegou. Conferiu a cada um a  
sua missão.  
Ordenando que tudo se fizesse em seu nome,  
mesmo os maiores prodígios.  
Nada aceitou para si. Renunciou a tudo.  
À própria vida particular. Para que vivesse em  
todos.  
Para que pudesse morrer por todos.  
Isto, não transferiu.  
Não somente aceitou a auto-imolação, o suplício  
de morte.  
Como a buscou. Ensinou a morrer.  
E, aos que aprenderam, prometeu o triunfo  
sobre o fim.  
Porque vinha em nome do que não tem fim.  
Não escreveu uma só linha.  
Nem todos os livros de todos os universos,  
porém, poderiam conter mais que sua palavra.  
Palavra de vida. Palavra de amor.  
Até às últimas conseqüências.  
Fez, da cruz infamante, símbolo perene de  
glória.  
Subiu à montanha e mergulhou no abismo da  
humildade. Combateu o erro. Não tremeu ante  
os poderosos.  
Sua ternura transformava-se em fúria quando  
enfrentava os hipócritas.  
Obediente ao alto, insubmisso ante o poder mal  
exercido.  
Não feriu a ninguém, mas imolou-se inteiro.  
Ensinou a divisão dos bens, do reino.  
E não tinha uma pedra onde reclinar a cabeça.  
Fez, dos mais pobres, os mais ricos de bens que  
não enferrujam.



Os seus foram os que menos o compreenderam.  
Abriu, para todos os de boa vontade, as portas  
da bem-aventurança, revelando que na casa do  
Pai há muitas moradas.  
Fez santos de pecadores; mostrou o quanto  
eram pecadores os santos de fancaria, os  
sepulcros podres de mortos vivos.  
Trouxe, porém, Lázaro morto à vida.  
Nasceu, viveu, sofreu, morreu.  
E está mais vivo que nunca.  
Porque vive para sempre. Ressurgiu para  
ressuscitarmos.  
Só teve uma manjedoura para nascer.  
E um túmulo emprestado para dormir o sono de  
que despertaria assurrecto.  
Vive. Em cada um que recebeu a mensagem. Em  
cada um que não rejeita a morte para segui-lo.  
Porque é o caminho, a verdade, a vida.  
Porque serviu como ninguém. Porque lavou os  
pés e purificou os espíritos.  
Porque perdoou, compreendeu e viveu entre nós.  
Ele  
Que rejeitou qualquer mando.  
Que disse que seu reino não é deste mundo.  
Mas que nos acenou com as bem-aventuranças.  
Porque nos ensinou que podemos chamar o  
Senhor de Pai, de paizinho.  
Ele.  
O eterno em nós. Até a consumação dos séculos.  
Juiz de misericórdia.  
O Mestre. O irmão.  
Ele.  
Jesus de Nazaré, chamado o Cristo.

Resultado:

1. "Este é o dia que o Senhor fez: seja para nós dia de alegria e felicidade." (Salmo 117,24)
2. "O Senhor é nosso Deus. Ele fez brilhar sobre nós a sua luz". (Salmo 117,27)
3. "Meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo." (Salmo 83,3)
4. "Ó Senhor dos exércitos, feliz o homem que em vós confia". (Salmo 83,13)

Em Itabirito, MG. ESTER DE LIMA RIBEIRO aos 20/08/90. Em Erechim, RS. ADELINA NAIR BALVEDI aos 06/02/86. Em Sete Lagoas, MG. PEDRO FLÁVIO SILVA MACIEL aos 13/09/89. Em Santana de Cataguases, MG. MARIA DA PUREZA RIBEIRO RESENDE aos 02/02/90. Em Lagoa da Prata, MG. JOÃO BATISTA FURTADO aos 10/07/89. Em Mariana, MG. MARIA AUGUSTA VIDIGAL DE CARVALHO aos 22/01/90, mãe do colaborador da Revista AVE MARIA Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho. Em Curvelo, MG. CLÓVIS DINIZ PINTO aos 18/02/90.

Não temos mais a Caixa Postal 615, Agência Central, São Paulo - Capital. Toda a correspondência deverá ser enviada para: CAIXA POSTAL 54215 - CEP 01296 - SÃO PAULO - SP - AGÊNCIA SANTA CECÍLIA, principalmente os VALES POSTAIS.

Brevemente, o nosso representante JOÃO MENEZES estará visitando as seguintes cidades paulistas: Louveira, Vinhedo e Valinhos.

Em breve, nosso representante IRMÃO NELSON estará visitando a cidade mineira de Belo Horizonte. E, em maio, estará em Goiás, Distrito Federal e Espírito Santo.

CUPOM DE ASSINATURA

ASSINATURA NOVA E RENOVAÇÃO DE ASSINATURA

COMO FAZER?

Escolha uma das modalidades, assinale com um X, preencha com clareza e remeta este CUPOM para: Revista AVE MARIA - Rua Martim Francisco, 656, CEP 01226 - São Paulo - SP

Modalidades:

- 1 -  Estou enviando anexo o *cheque cruzado* n.º ..... do Banco ..... no valor de Cr\$ ..... em nome da Revista AVE MARIA.
- 2 -  Estou remetendo por *vale postal* n.º ..... para a agência Santa Cecília - São Paulo - Código 403911 - quantia de Cr\$ ..... em nome da Revista AVE MARIA.
- 3 -  Estou passando uma *ordem de pagamento* do Banco ..... no valor de Cr\$ ..... em nome da Revista AVE MARIA.

Meu nome \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_  
 Assinatura \_\_\_\_\_

• Se preferir, e morar fora da cidade de São Paulo, ligue a cobrar: (011) 66-2128 e 66-2129

Obs.: Se você quiser dar uma assinatura de presente a alguém, teremos o maior prazer em escrever ao novo assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados ao lado, destacar e remeter para a revista Ave Maria.

Sr. Diretor

Escrevo para lhe dizer que estou mandando de presente uma ASSINATURA da revista Ave Maria para:

Sr(a). \_\_\_\_\_  
 Rua \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

# A MAIS ANTIGA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



Há quase um século a revista Ave Maria continua prestando, junto às famílias cristãs de todo o Brasil, inúmeros serviços de grande utilidade, sem esquecer a cultura, o lazer e, principalmente, a orientação religiosa.

Todo mês a revista AM traz artigos que abrem caminhos para reflexões, questionamentos e respostas a tantas dúvidas do homem de hoje no que diz respeito à fé, esperança, justiça e principalmente religião dentro da realidade atual. Assuntos sobre Nossa Senhora, catequese, liturgia. A Bíblia pensada, compreendida e integrada ao nosso dia-a-dia. Enfim, uma revista que transmite o Evangelho, um suporte para fortalecer a fé e levar conforto espiritual aos seus leitores, além de notícias da Igreja no mundo e também receitas práticas e passatempos.

E, agora, ela dá uma sugestão a você:

Você já pensou em dar uma assinatura de presente a um parente, amigo, vizinho ou al-

guém que você estima e quer bem?

Se você não tem tempo de sair de casa para procurar, escolher e comprar uma lembrança, ou se aborrece em andar procurando um presente útil, aproveite a nossa sugestão: ofereça uma assinatura da revista AM de presente.

É um presente sempre interessante, útil e barato, e dura um ano inteiro. E todos os meses você será lembrado com admiração e alegria.

Aproveite a oportunidade e você sentirá a satisfação de estar contribuindo no anúncio da Boa Nova.

Acredite, sempre é tempo para dar e para receber um bom presente.

**COMO FAZER assinatura nova e renovação de assinatura da revista Ave Maria?**  
(Veja o cupom ao lado)

# ATM

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28-05-1898  
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS.: 66-2128 E 66-2129  
CX. POSTAL: 54.215 - CEP 01.227 — SAO PAULO - SP.

PORTE PAGO  
ECT - DR/SP  
ISR-40 - 2837/81

# IMPRESSO